

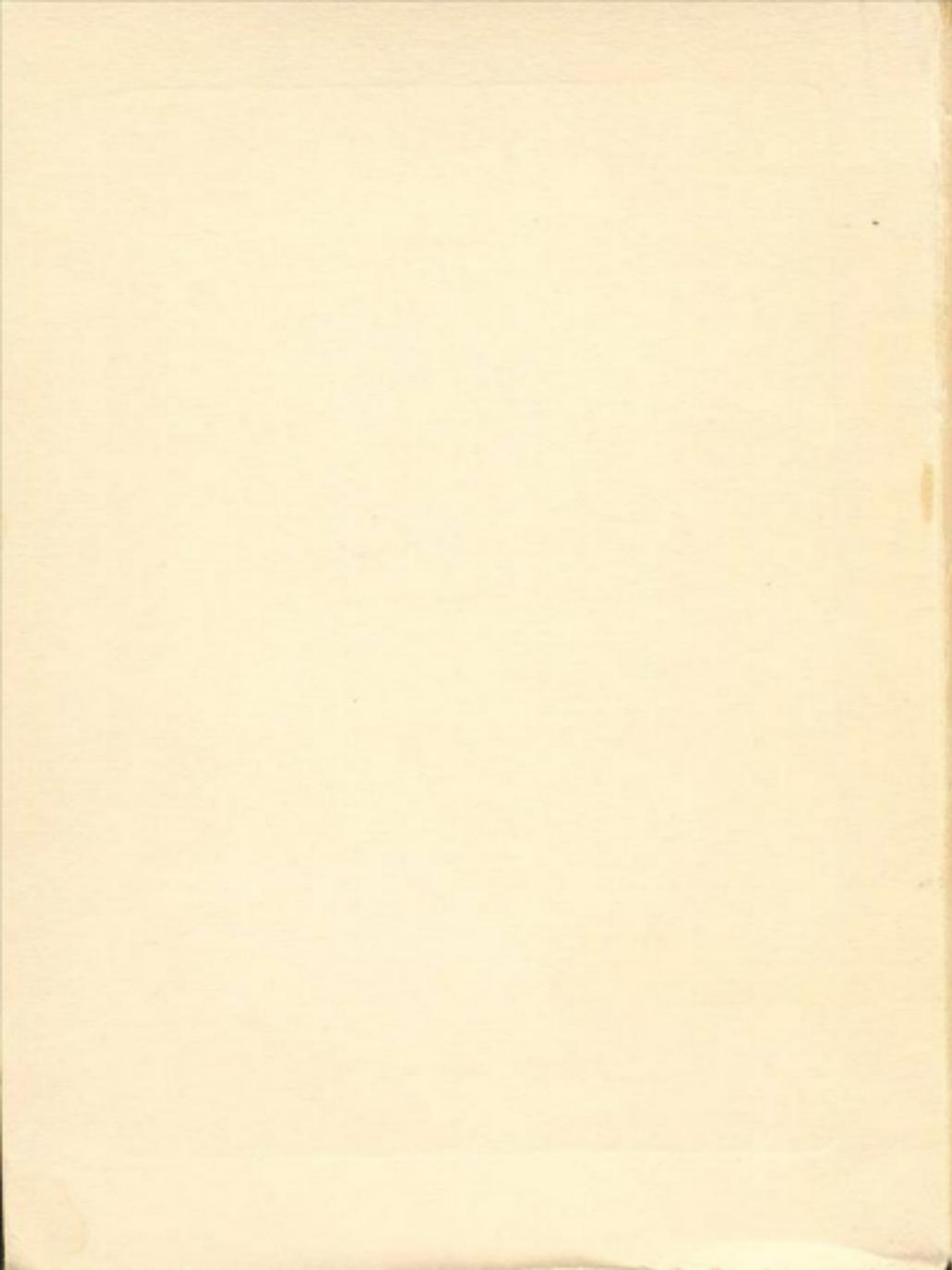
OBRAS
DO
CONDE DE MONSARAZ

I

CREPUSCULARES
CATARINA DE ATAÍDE



LISBOA • MCMLVII



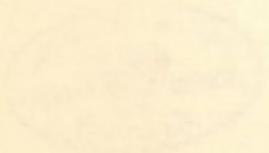
1884

THE UNIVERSITY OF CHICAGO



OBRAS

CONDE DE MONSARAZ



OBRAS

DO

CONDE DE MONSARAZ



Impressão e distribuição em Lisboa
por a Typographia Nacional, Lda.

OBRAZ
do
CONDE DE MONSARAZ

EDIÇÃO DEFINITIVA SOB O PATROCÍNIO
DO INSTITUTO DE ALTA CULTURA

13
50.748

OBRAS

DO

CONDE DE MONSARAZ



I

22. DEZ. 1958

CREPUSCULARES
CATARINA DE ATAÍDE

DEP. LEGAS



LISBOA • MCMLVII

DISCURSO DO PRESIDENTE DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS, SR. DOUTOR JÚLIO DANTAS, PROFERIDO NA SESSÃO SOLENE COMEMORATIVA DO CENTENÁRIO DO CONDE DE MONSARAZ, EM 9 DE MAIO DE 1953

THESE ARE THE RESULTS OF THE
RESEARCH CONDUCTED BY THE
BUREAU OF THE BUREAU OF THE

EX.^{mo} SENHOR DOUTOR CAEIRO DA MATA:

Agradeço a V. Ex.^a as suas generosas palavras, em que mais uma vez admirei a elegância clássica do orador e a extrema bondade do amigo. Congratulo-me com a assembleia pelo brilho que a presença prestigiosa de V. Ex.^a nesse lugar atribui à sessão de hoje. V. Ex.^a é neste momento para nós, não apenas a excelsa figura nacional que todo o País venera, mas um amigo do Conde de Monsaraz, cuja memória está viva no seu coração. Queira V. Ex.^a aceitar as minhas gratas homenagens.

EXCELÊNCIAS:

EXCELÊNCIA REVERENDÍSSIMA:

MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES:

A Academia celebra hoje — porque na data para que foi convocada (27 de Novembro) não pôde fazê-lo — o centenário do Conde de Monsaraz. Esta sessão encerra o ciclo de actos comemorativos que algumas entidades privadas realizaram em Lisboa, em Coimbra, em Évora, na Figueira da Foz, e nos quais foi enaltecida a memória do grande lírico e recordadas a sua vida, a sua figura

e a sua obra. Tudo quanto havia de essencial a dizer-se sobre António de Macedo Papança no domínio da informação biográfica e bibliográfica está dito já por vozes autorizadas e amigas. Não é preciso repeti-lo. Pronunciarei apenas as palavras de encerramento do Ano Áureo do Poeta, aproveitando o ensejo para lembrar — porque muita gente o ignora — que Monsaraz foi membro desta Academia. Com efeito, por proposta de Bulhão Pato, de Pinheiro Chagas, do Visconde de Benalcanfor e de Vilhena Barbosa — a Secção de Letras de então — a Classe elegeu o Poeta seu sócio correspondente em 8 de Abril de 1886. Convidado por duas vezes para a efectividade, em 1894 e em 1897, declinou o convite alegando que residia a maior parte do ano fora de Lisboa. Vivo, considerámo-lo sempre um amigo; morto, uma glória desta Casa. A essa glória imarcescível, que nunca deixou de resplandecer na morte e de viver connosco, prestamos hoje, todos nós, o nosso comovido preito.

Mas — perguntar-se-á — que importância tem para a memória de Monsaraz o facto de haver pertencido à Academia? Nenhuma. Seria razão para que não o esquecêssemos — se ele estivesse esquecido. Mas, lembrado das gerações, «coroadas de rosas», como diria um poeta grego da Decadência, — que põe ou tira ao fulgor do seu nome o título, aliás honroso, de académico? As Academias — toda a gente o sabe — são instrumentos necessários de convívio intelectual e social, laboratórios de estudos, organismos de extensão universitária que largamente contribuem para a formação e expansão da cultura nacional. Prestam relevantes serviços. Mas não dão

talento a ninguém. Os títulos de pouco valem quando os não justifica o mérito. Há quem, na sua candura, suponha que as Academias concedem, a quem quer que seja, passaportes para a imortalidade. Não temos esse privilégio. As portas de bronze, que separam o que é efêmero do que é eterno, só se abrem para poucos; e esses poucos (veja-se Junqueiro) nem sempre passaram pelos salões das Academias. Reconheço humildemente que o facto de Monsaraz ter sido académico não interessa de maneira especial à sua memória. Mas interessa-nos a nós. Interessa às Academias que o receberam, grandes famílias morais a que o Poeta pertenceu e que é justo que se desvançam de o ter contado no número dos seus próceres. O Conde de Monsaraz foi também titular da Academia Brasileira de Letras, que o elegeu em 7 de Outubro de 1910, mediante proposta assinada por Alcino Guanabara, Silva Ramos, Valentim de Magalhães, José do Patrocínio, Filinto de Almeida, e que dele sempre se orgulhou. As Academias — errar é da natureza humana — enganam-se frequentemente nas escolhas que fazem. Desta vez, porém, elegendo o grande Poeta que celebramos hoje, nem uma nem outra se enganou: coroaram um Príncipe.

Devi a indicação do meu nome para orador nesta solenidade, não ao facto de possuir qualquer competência em matéria de poesia — espécie literária hoje difícil de entender e de classificar —, mas à circunstância de Monsaraz ter sido um dos meus mais queridos amigos. Nestas condições, é possível que, falando dele, me veja obrigado a falar algumas vezes de mim, — o que é odio-

so, mas inevitável. Que a bondade do auditório me perdoe. Conheci o Conde de Monsaraz há cinquenta e um anos. Tinha ele ido a nossa casa não sei porquê; e nada podia haver de mais grato para meu Pai — mestre querido a quem devi o pouco que sou e que valho — do que falarem-lhe do filho. — «Está a vestir-se para ir levar ao Visconde de S. Luís Braga uma peça que acabou ontem». Monsaraz quis saber que peça era, como se chamava, se era em verso ou em prosa, e não sei o que a desvanecida ternura de meu Pai lhe diria, que não descansou enquanto me não foram chamar para ler o manuscrito. Quando entrei na sala, o Conde de Monsaraz levantou-se e estendeu-me familiarmente as mãos, como se já me conhecesse há muito tempo. Parece que o estou vendo ainda. Alto, esbelto, robusto, jovial, bela cabeça grisalha, olhos negros, dentes alvíssimos contrastando com a pele trigueira de tons quentes de terra de Siena, que parecia brunida a ouro pelo sol do Alentejo, torso enérgico, peito arqueado, mãos sólidas e fortes — uma calçada, outra descalça, como o Homem da Luva, de Ticiano —, o Conde de Monsaraz, na esplêndida maturidade dos cinquenta anos, era então uma figura de varonil distinção, de irradiante simpatia, respirando força, elegância, juventude, alegria de viver. Sentámo-nos e eu comecei a leitura. Aos primeiros versos, os seus olhos brilharam, a sua fisionomia abriu-se, pequenos movimentos de cabeça marcavam o ritmo alexandrino da composição, tremiam-lhe os lábios, interrompia-me, pedia-me que voltasse atrás, que lesse de novo; pouco a pouco, a comoção ganhou-o, concentrou-se, as lágrimas

marejavam-lhe os olhos; quando acabei de ler, chorava abraçado a mim. Fazem-me a justiça de acreditar que não é em meu louvor que o digo, — mas em louvor dele, do seu coração magnânimo, da sua apurada sensibilidade, da sua bondade infinita. Feliz do poeta que um dia teve na vida quem soubesse ouvi-lo assim! Generoso prazer de admirar, delicada atitude das aristocracias do espírito, que rapidamente tu desapareceste do Mundo! Hoje, que aridez nos corações, que travo amargo na vida, que profundo desencanto no convívio literário, — se é que ele existe ainda! O nome do Conde de Monsaraz ficou para sempre ligado a essa obrazinha da minha mocidade, pequena amostra sem valor, que, não sei porquê, havia de viajar muito. Dediquei-lha e consagrei-lha. Não tinha outra maneira de manifestar a minha gratidão pelas palavras carinhosas que nessa tarde lhe ouvira. Assim nasceu uma amizade fiel, nunca obscurecida pela mais ligeira nuvem, que durou até à morte do Poeta — e que para mim se prolonga hoje no filho, Alberto Monsaraz, herdeiro não apenas do talento, mas do coração pródigo e sensível do Pai.

Eis a razão por que, entre tantos que com mais brilho do que eu o poderiam fazer, me encontro aqui para falar-lhes do Poeta que as letras portuguesas perderam há trinta anos — e do amigo que eu próprio perdi. Não venho apenas desempenhar-me de uma fria obrigação académica; venho cumprir um dever que o coração me impõe. Há quem chame a esta espécie de discursos elogios históricos. No caso presente a expressão parece-me ambiciosa. As Academias, mormente a francesa, donde

nos veio esta forma literária obsoleta, têm procurado nos últimos tempos aligeirá-la e actualizá-la. Robert de Flers fez dela uma conversa cintilante; Maurras, um panfleto político; Rostand, um assalto de florete; Valéry, um ajuste de contas; e, entre nós, António Correia de Oliveira, o mestre inexcedível da redondilha, — um poema. Mas a verdade é que o elogio histórico envelheceu. Para lhes falar do Conde de Monsaraz ponho inteiramente de parte o género solene. Limitar-me-ei a lançar um rápido golpe de vista sobre a obra e sobre o homem, insistindo nalguns pontos que me parecem essenciais para a compreensão de uma e de outro, e procurando, na hora em que se celebra o centenário do Poeta, definir o seu lugar no quadro da poesia portuguesa contemporânea.

Monsaraz teve estreia fácil e êxito fácil. Essa aparente facilidade, porém, de modo nenhum diminuiu, nem o seu mérito pessoal, nem a qualidade literária da sua obra. Pelo contrário. A abastança da família — velha nobreza rural do Alentejo — facilitou-lhe os primeiros passos; favoreceu-o a época tranquila em que realizou a sua aparição nas letras (hoje, quanto custa fazer um nome!); de modo nenhum lhe foi indiferente na vida a gentil presença de que a natureza o dotara; e um conjunto feliz de circunstâncias criou-lhe a oportunidade e o ambiente próprios, não já para a sua estreia (as *Crepusculares* datam de 1876), mas para a súbita, triunfal e arrebatadora afirmação da plenitude do seu talento poético, quando em 1880, na Sala dos Capelos da Universidade de Coimbra, recitou em acto solene o seu

poema *Catarina de Ataíde*, uma das obras fundamentais do Parnasianismo português. Foi um deslumbramento. Poucas vezes o êxito de um escritor deu ensejo a tão ruidosas manifestações públicas e a tão vibrante e comunicativo entusiasmo. Falou-se, a propósito, do prólogo do *Catão*, de Garrett, recitado pelo próprio autor no teatro do Bairro Alto, de Lisboa. Nem de longe se compara, no efeito e nos aplausos, ao êxito integral de António de Macedo Papança, da sua mocidade, da sua natural desenvoltura, da sua viril beleza, da sua voz sonora, redonda e magnífica, do seu talento eloquente e evocador. O grande António Cândido, depois da morte de Monsaraz, seu amigo, falou-me do espectáculo inesquecível dessa sessão camoniana da Sala dos Capelos — em que, na hora em que se glorificava um poeta, outro poeta nascia. Naquela vasta quadra forrada de damasco carmesim, opulenta de painéis, coroada do seu profundo tecto de alfarge mordido de ouro, uma multidão fremente de capas negras parecia avançar de encontro aos doutorais, onde os lentes, o Prelado universitário, as altas magistraturas da Nação, imóveis como figuras de cera, pareciam suspensas dos lábios de um moço bacharel em direito, recentemente saído dos bancos escolares, que declamava, pálido, a capa como uma asa negra a esvoaçar-lhe nos ombros, os olhos ardendo na chama viva da inspiração, os mais belos versos que a austera Sala dos Capelos ouvira ainda. Quando ele terminou, toda a assistência se ergueu para saudar o Poeta, de pé; a charamela clangorou; gritos e vivas atroaram a sala; da Via Latina, outra multidão respondeu; e o jovem

António Papança, aos ombros dos estudantes, exausto, radioso, ofegante, foi levado em triunfo pelo largo terreiro do Paço das Escolas. É fácil a vida quando se começa assim. No dia seguinte, a notícia de que em Coimbra surgira um extraordinário poeta alvoroçou Lisboa, a velha Lisboa de *crochet*, a Lisboa burguesa e sossegada que Eça pintou no *Primo Basílio* e nos *Maias*, onde não havia acontecimentos, onde não se passava nada, e onde a boa nova de um grande poeta desconhecido caía positivamente do Céu. António Papança tornou-se o homem do dia, querido, admirado, requestado. A celebridade, que raros conquistam, quase sempre pelo preço de muito trabalho, de muitas provações e, às vezes, de muita miséria, — aquele menino bonito da fortuna conquistara-a de um salto. O problema estava agora, para ele, em manter a posição conquistada.

No nosso País tudo esquece depressa, os êxitos — e os próprios escândalos. Os Portugueses são um povo sem memória. Três dias passados sobre um acontecimento, já pouca gente se lembra dele. Na literatura, então, nunca ninguém chegou: é preciso, permanentemente, recomeçar. Não basta que se triunfe uma vez: aí do escritor que não tem, pelo menos, um êxito de quinze em quinze dias! António Papança sentiu-o e, apesar de solicitado pelo convívio mundano, continuou a trabalhar. Em 1882 celebrava-se o centenário do Marquês de Pombal: seria o grande Marquês o herói do seu segundo poema. O poderoso ministro de D. José era nesse tempo uma figura histórica com excelente reputação e especial crédito. Os historiadores tratavam-no bem, e os poetas

podiam ainda, sem se comprometer, andar pelo Chiado de braço dado com ele. Hoje está na gaveta dos indesejáveis da História à espera de um benemérito que o afiance e o reabilite. São as vicissitudes políticas do presente que fazem a fortuna ou a desgraça dos heróis do passado. Sempre assim foi. Chegaram as comemorações pombalinas, e Macedo Papança publicou o seu poema, *O Grande Marquês*, seguido em breve da *Lenda do Jesuitismo*, seu complemento natural. O agrado foi franco e unânime. Politicamente, os dois poemas não afrontavam ninguém: o futuro Conde de Monsaraz, espírito rasgadamente liberal, tinha sobre os homens e sobre os factos da História pátria as opiniões correntes no seu tempo. E, literariamente, qualquer dos dois poemas era superior à *Catarina de Ataíde*. Faltou-lhes, porém, a Sala dos Capelos, as capas dos estudantes e, sobretudo, a voz do Poeta a declamá-los, como só ele o sabia fazer. A poesia que subjuga, que arrebatava, que transporta não é, como toda a gente supõe, a poesia que se lê; é a poesia que se ouve. Já numa reunião memorável do *Comité des Lettres et des Arts*, da Sociedade das Nações, o filólogo Gilbert Murray e os poetas Paul Valéry, Gabriela Mistral e Ugo Ojetti produziram a afirmação de que a poesia não existe enquanto não é cantada ou declamada. Quando se desencadeou a segunda guerra mundial, já o Secretariado de Genebra tinha considerado a possibilidade da organização de equipas de declamadoras — corpos de deusa e vozes angélicas — destinadas a revelar ao Mundo a poesia de todas as línguas e de todos os tempos. Não sei se foi por isso que a

Sociedade das Nações morreu. As grandes assembleias internacionais tiveram sempre o fraco da poesia. Mas, desta vez, é preciso reconhecer que a Liga de Genebra — *«pauvre veuve du Lac»*, como lhe chamou o embaixador Conde de Saint-Aulaire — tinha razão. Tanto como a escultura e a pintura são para se ver, a poesia e a música são para se ouvir. Os versos escritos constituem apenas formas de fixação temporária, documentos de arquivo. Que é a poesia senão, como disse Verlaine, *«de la musique avant toute chose»*? Desde a mais remota antiguidade, aedos, rapsodos, coreutas diziam-na, cantavam-na, dançavam-na. Só ouvindo um poema podemos senti-lo e compreendê-lo, não apenas na sua musicalidade essencial, mas na unidade da sua emoção e do seu pensamento. A rádio — *dir-se-á* — veio ao encontro das aspirações formuladas na reunião do Palácio da Ariana. Sim; até certo ponto. Mas a voz não basta sem o prestígio humano da presença. Só a televisão reúne as condições necessárias para a produção viva e universal da poesia. Já se estão fazendo em países estrangeiros edições televisíveis, não só de obras em prosa (os contos de Somerset Maugham, por exemplo), mas de colectâneas de pequenos poemas. É pena que os poetas na generalidade recitem tão mal os seus versos — e ainda pior os dos outros — porque seriam eles os declamadores ideais. Eu ainda tive a fortuna de ouvir alguns, na verdade excelentes: Bulhão Pato, Eugénio de Castro, João Saraiva, Monsaraz. Mas o Conde de Monsaraz excedia-os a todos, pela vibração que comunicava às suas obras

— e porque a sua poesia era já, de si própria, elevada, comunicativa e eloquente.

A eloquência: eis, com efeito, uma das qualidades mestras da poesia de António Papança, mormente nos três poemas a que acabo de referir-me, reunidos depois, sob o título geral de *Telas Históricas*, na edição completa das suas Obras. Ninguém havia de dizer, lendo-o, que ele manifestaria mais tarde, como parlamentar, tão pouca inclinação para a tribuna política, a ponto de só aceitar o pariato se o não obrigassem a discursar na Câmara. Mas é preciso distinguir. Há duas eloquências: a eloquência do orador e a eloquência do escritor. Raras vezes se encontram reunidas no mesmo indivíduo. Monsaraz realizou o tipo do poeta eloquente, ombreando por vezes com Junqueiro. Mas teve outras qualidades, que lhe atribuíram desde logo especial lugar nas antologias. Para marcar melhor a posição de António Papança no quadro da literatura portuguesa do seu tempo, debruçemo-nos alguns momentos sobre o panorama poético de 1882, ano em que o *Grande Marquês* e a *Lenda do Jesuitismo* foram publicados. Esse panorama é variado e rico. Tomás Ribeiro, poeta da estirpe retórica de Lamartine, já tinha dado a lume havia vinte anos o *D. Jaime* (1862), que Castilho (honrado velho!) comparara a *Os Lusíadas*, e, mais recentemente, as *Vésperas* (1880). João de Deus, de filiação camoniana — esse, sim! — fizera correr catorze anos antes (1868) a linfa cristalina do seu *Campo de Flores*, maravilha de simplicidade e de suavidade que restituiu o lirismo português às suas origens tradicionais. Em 1866, Bulhão Pato publicava a

Paqueta (uma espanholada, no juízo injusto de Fialho) e, em 1870, as *Flores agrestes*, de saboroso bucolismo; Antero de Quental, em 1865, as *Odes Modernas* (os *Sonetos* só apareceram em 1886); Junqueiro, hugueano, admirável de lampejos oratórios, poeta sinfónico e deslumbrante, dera à estampa em 1874 a *Morte de D. João* e, em 1879, a *Musa em férias*; Gomes Leal, as *Claridades do Sul*, no ano seguinte ao da *Morte de D. João*; Sousa Monteiro, em 1882, os *Sonetos*, que Eça perguntou se eram escritos em latim; Sabugosa, no mesmo ano (espírito gentilíssimo!), o livro onde se guarda esse primor que é o *Velho Alabardeiro*; finalmente, Gonçalves Crespo, brasileiro ilustre, directamente influenciado pelo Parnaso francês, em especial por Leconte de Lisle e por François Coppée (os *Troféus*, de Heredia, são de 1893), lançava ao público feminino tomado de surpresa e de encanto, em 1870 as *Miniaturas* e em 1880 os *Nocturnos*. O movimento decadista e simbolista, já vitorioso em França (Mallarmé, Verlaine, Moréas), não tinha ainda chegado a Portugal. Os *Oaristos* são de 1890; o *Só*, de 1892. No meio desta abundante floração lírica, Macedo Papança surge com características eminentemente pessoais. É o pintor de épocas e de retratos históricos, o evocador magistral de um passado opulento, o colorista, o miniaturista, o lavrante, o ourives do verso alexandrino, que nas suas mãos dexas coleia, ondula, palpita, move como asas nervosas os seus dois hemistíquios, bate como remos de prata, duas a duas, as suas rimas sonoras. Não se assemelha a ninguém. Se dá ares de família é apenas com o insigne Gonçalves Crespo, parnasiano

cem por cento, representante entre nós dos mestres franceses de «*l'art pour l'art*», que, segundo o conselho de Théophile Gautier em *Émaux et Camées*, modelavam a matéria bruta do verso como o operário cinzela o ouro, lapida a jóia, trabalha o mármore, entalha o camafeu, «abre num veio de ágata o perfil de Apolo». Mas, reparem bem: a semelhança é apenas aparente. Na obra dos parnasianistas fiéis aos dogmas sente-se a imobilidade da estátua, a frieza do esmalte, a impassibilidade da jóia, — ao passo que no ouro, na argila, no mármore, no bronze que Monsaraz trabalhou crispam-se nervos, corre sangue, não há apenas técnica, não há apenas arte, — há vibração, há entusiasmo, há bravura, há humanidade, há vida, há alma. Folgo de poder prestar esta homenagem à obra da mocidade de Monsaraz. Ela tem andado, talvez, injustamente esquecida. António Papança, ao escrever os seus três primeiros poemas, não deveu a cabeça a ninguém. Foi ele próprio, — e foi ele só.

Com estes três poemas se encerrou a juventude literária do Poeta. Aos trinta anos (1882), numa poesia célebre, António Papança despedia-se da mocidade, tão dolorosamente como se se despedisse de si mesmo. Tinha na sua frente a vida, com todas as suas lutas e todos os seus problemas. Uma porta se entreabria diante dele: a porta da *Domus Quieta*, do lar tranquilo onde passaria, admirado, venerado, feliz — até à hora amarga do exílio — quase trinta anos de existência. Em 1884 era Visconde, como Musset e como Garrett; em 1886 elegiam-no, quase ao mesmo tempo, sócio da Academia e

deputado da Nação; em 1888 casava-se. O caminho da vida atapetava-se-lhe de rosas. Em 1889 nascia-lhe o primeiro filho, herdeiro do seu nome, do seu título e da sua glória. Em 1890 ascendia à grandeza do Reino com o título de Conde. O Poeta, porém, não morrera, e em 1892 — ao fim de dez anos de silêncio — publicou uma das mais belas colecções de líricas da língua portuguesa, *Poesias*, compreendendo duas partes, *Último romântico* e *Páginas soltas*. Mas, dez anos são para um escritor a eternidade. O público não reconheceu desde logo na sua nova incarnação de titular e de grande das letras o jovem bacharel que na Sala dos Capelos, com uma capa de estudante pelos ombros, lhe recitara versos imortais. A vida — ai de nós! — transforma os poetas; cria imagens diferentes dos mesmos homens; e essas imagens, que inevitavelmente se sucedem, prejudicam a unidade de interesse da figura e são por vezes difíceis de identificar. Um poeta que envelhece perde leitores. Um poeta que engorda perde prestígio. E se, além de engordar e de envelhecer, o vêem de farda, chapéu armado e grã-cruz, já não acreditam que é ele. Enquanto o Mundo for Mundo, o poeta há-de ser sempre, para os seus leitores, o mesmo homem moço, magro, pálido, doente e pobre. Se morre jovem, é um génio. Se morre velho, coitado, não presta para nada. Acaba em farrapos nas garras de uma espécie de abutres literários, que costumam encarregar-se de devorar cadáveres — e que chamam a isso «revisão de valores». Passados dez anos, o Conde de Monsaraz teve de refazer a reputação de António de Macedo Papança. Criou um novo nome, — para

o levantar ainda mais alto do que o tinham erguido os seus poemas da juventude. O êxito das *Poesias* foi considerável, em especial no meio feminino e, designadamente, na sociedade mundana. Nas suas páginas, numa palpação de perfumes e de rendas, passam figuras de mulher tocadas de inexprimível encanto — a Senhora Duquesa, a Senhora Marquesa, a Senhora Baronesa —, perfis suaves que nos lembram, ao mesmo tempo, a elegância de Musset, a graça maliciosa das *Fêtes Galantes*, de Verlaine, a colorida frescura das aguarelas inglesas do século XIX. *Recepções de inverno, o Cotillon, Rendas, flores e plumas, o Leque e, sobretudo, A Arquiduquesa* — «tão loira e tão decotada» — poesias recitadas constantemente nos teatros e nos salões do tempo (como Chaby dizia *A Arquiduquesa!*) — ficaram no lirismo nacional como documentos, até então únicos, daquela poesia requintada, civilizada, subtil, cheia de optimismo e de distinção, que é o sorriso das grandes épocas literárias. Dizia-me um dia o Conde de Sabugosa, tão elegante também: «o autêntico Monsaraz está nas suas poesias aristocráticas». Deus meu, o autêntico Monsaraz está em tudo quanto ele escreveu, em todo o pequeno Mundo que o seu talento criou. Há escritores, decerto muito respeitáveis, que chamam frívola a esta espécie de poesia e que desdenham publicamente dela. São aqueles que a não sabem fazer. Um elefante não pode brincar com uma pérola. Pela minha parte, penso que toda a vida, na sua múltipla e universal expressão, é motivo de poesia. Haverá porventura menos poesia nos ombros nus de uma linda mulher, do que nos bois pacíficos que la-

vram um campo ou nas cegonhas que passam numa das mais impressionantes páginas da *Musa Alentejana*? A poesia é como Deus: está em toda a parte. O caso é sabê-la ver. Nisso é que os homens são diferentes uns dos outros. Uns, não há nada no Universo em que a não encontrem; outros, passam todos os dias ao lado dela sem ter olhos para a ver nem coração para a sentir. Se o Criador, na sua infinita sabedoria, tivesse feito todos os homens iguais, a vida seria de uma sensaboria insuportável. E, assim mesmo, sabe Deus!

Ao êxito das *Poesias* sucedeu um silêncio literário ainda maior: a *Musa Alentejana* só aparece dezasseis anos depois, em 1908. Que significou esta longa mudez? Em primeiro lugar, dispersão cada vez maior do Poeta pelas actividades políticas e sociais que reclamavam a sua presença e a sua atenção. Em 1898 recebia os arminhos de Par. A Câmara alta ficava incalculavelmente longe do Parnaso. O Poeta não pronunciava discursos, é certo; mas ouvia os discursos dos outros, o que ainda era pior. Houve, porém, além dessas — atrevo-me a supô-lo — outras razões de ordem literária que contribuíram para o longo silêncio de Monsaraz, de 1892 a 1908. Elas não passaram despercebidas aos seus amigos mais íntimos, e não será difícil encontrá-las na perplexidade do Poeta perante as súbitas mudanças do panorama poético europeu nesse período de febril transformação. A partir de 1884-1887, quadriénio em que se publicaram as *Poésies Complètes* de Mallarmé, *Jadis et Naguère*, de Verlaine, *Illuminations*, de Rimbaud, *Concile Féérique*, de Laforgue, *Traité du Verbe*, de René Ghil e, so-

bretudo, o primeiro *Manifesto* de Moréas, — o movimento simbolista, renovador das formas, dos ritmos e das imagens poéticas, acentuou-se notavelmente em França, determinando extensas repercussões exteriores, mormente no Mundo latino. Quase simultâneamente, simbolistas, decadistas, iluministas, instrumentistas, bizantinistas, nefélicos demoliram a golpes lampejantes as últimas colunas, os últimos frisos, as últimas cariátides, as últimas estátuas de mármore do templo de Apolo. Portugal foi dos países em que esse esforço de renovação se fez mais brilhantemente sentir, com os *Oaristos* e as *Horas*, de Eugénio de Castro (1890-1891), o *Só*, de António Nobre (1892), e outras obras de autores illustres, como Alberto d'Oliveira, Júlio Brandão, Oliveira Soares, João de Castro, Alberto Osório de Castro, António Feijó, cujas *Bailatas*, paródia do simbolismo, são um primor de virtuosidade e de graça. Que posição marcou o Conde de Monsaraz perante este fenómeno de liberação, que arrebatou o próprio Junqueiro? Compreendeu-o; considerou-o sob vários aspectos salutar; admirou sinceramente alguns dos corifeus da nova escola, em especial Eugénio de Castro, seu amigo; mas sentiu-se velho (aos quarenta anos!) para acompanhar o fulgor e a irreverência das correntes estéticas modernistas, — e, fiel aos cânones da antiga poesia e à dignidade da beleza eterna, emudeceu. Durante uns poucos de anos não fez versos. Limitava-se a ouvi-los dos poetas, novos e velhos, que frequentavam a sua Casa. Foi nesse período de silêncio poético que brilhou o salão dos Condes de Monsaraz, primeiro em Lisboa, depois em

Coimbra durante a formatura de seu Filho. Tenho saudades dos serões íntimos do Palácio do Ferregial de Cima, onde, nos últimos anos da Monarquia — como nas «tardes» de Maria Amália Vaz de Carvalho — se encontravam e conviviam figuras excelsas de todas as filiações políticas e de todas as correntes literárias, não para o hábito desagradável de discutir — as paixões e a dialéctica ficavam com os abafos à porta da rua — mas para o prazer delicado de conversar. Aí li, antes de representadas, algumas das minhas peças; aí encontrei, num ambiente de respeitosa estima, o republicano Teixeira de Queirós pelo braço do Conde de Sabugosa, mordomo-mor do Paço; o monárquico António Cândido — impressionante cabeça romana! — conversando com o Junqueiro da *Pátria* ou com o elegante jacobino *en dentelles* que foi Anselmo Braamcamp Freire; aí receberam os meus vinte e poucos anos a lição da tolerância, da benevolência, da generosidade, da simpatia humana. Sem salões pode haver pessoas cultas; mas não há sociedades cultas. Sem salões, quer dizer, sem a aproximação e o conhecimento recíproco dos homens ilustres (que tantas vezes se odeiam e se maltratam, simplesmente porque se isolam e se desconhecem), não se pode dizer que, como fenómeno colectivo, a cultura exista. O salão do Conde de Monsaraz exerceu notável influência sobre as gerações literárias que sucederam à sua e, de maneira especial, sobre aquela a que pertenceu seu Filho. Com que paternal solicitude ele ouvia a mocidade, com que autoridade a aconselhava e dirigia, e como lhe teria sido grato que os políticos e os literatos do seu tempo, em

vez de se cobrirem de impropérios porque pensavam de maneira diferente sobre a arte de governar ou sobre a arte de escrever, expusessem as suas razões serenamente, elegantemente, sob os loureiros sagrados do jardim de Platão, perante um filósofo tolerante, conciliador e bondoso como ele era!

Mas o movimento simbolista durou o tempo das rosas. Tendo atingido o apogeu em 1890, estava no declínio, em França, por volta de 1900. Depois do segundo *Manifesto* de Moréas — o manifesto da escola romanista — os mestres da poesia simbólica foram-se convertendo, um por um, ao neo-classicismo. Entre nós, assim sucedeu também. O Eugénio de Castro dos *Oaristos* era, daí a pouco, o Eugénio de Castro da *Constança*, poema escrito em versos brancos perfeitos como a mais pura prata lavrada da Renascença. Apesar dos seus excessos, a revolução simbolista, decadista e deliquescente trouxera uma lufada de ar novo ao bafio venerável da antiga poesia e obrigara-a a um pouco de ginástica, que lhe desemperrou os movimentos. O verso neo-clássico surgiu ágil, desarticulado, desempoeirado, ligeiro, luminoso, musical. Mas o Parnasianismo estava morto, e a poesia procurava, por toda a parte, a alma que perdera. Encontrou-a no culto quase religioso da terra. É o regresso à poesia da terra que dá Mistral, que dá Francis Jammes, que dá o Rollinat de *Dans les brandes* — tragédia da paisagem —, que dá o Junqueiro dos *Simplex*, maravilhosa geórgica cristã. Monsaraz, que trazia, como Rodenbach disse de Mistral, «a sua província no coração», sentiu, ao contacto da terra — *Mater admirabilis*

— renascer o seu génio poético. Em 1908 publicava a *Musa Alentejana*. Colectânea de poesias, que incluía algumas já anteriormente publicadas — *Santa Cruz*, por exemplo — o Alentejo resplandece nas suas páginas, não ofuscante e infernal como nos *Ceifeiros*, de Fialho, não geométrico e refulgente como nas pequenas gravuras de cobre da *Epopeia da Planície*, de António Sardinha, — mas grave, fidalgo, melancólico, majestoso, saboroso, humano. A nobre e hospitaleira Província viu-se e reviu-se neste livro, onde há trechos de antologia, como as *Mondadeiras*, a *Sesta*, as *Cegonhas*, os *Bois*, a *Ceia*, *Ciganos*, os *Bêbados* — e uma caricatura magistral, o *Senhor Morgado*. Guardemo-nos, porém, de afirmar que Monsaraz está todo neste livro, porque não está; e, sobretudo, de pretender que Monsaraz foi apenas um poeta regionalista, — porque não foi. Julgo dever insistir neste ponto. Não nos esqueçamos de que no *Grande Marquês*, obra que me permito considerar de interesse nacional, se sentem vibrar as asas da epopeia; não nos esqueçamos de que neste poema está uma das mais belas páginas de toda a obra de Monsaraz, o *Enterro de D. João V*; não nos esqueçamos — porque seria ingratição — de que poucas vezes o nosso lirismo amoroso subiu tão alto como nos versos frementes de *Catarina de Ataíde*; lembremo-nos de que o Monsaraz, que se popularizou, não foi o da *Musa Alentejana*, aliás uma obra-prima, mas o poeta eminentemente original, único no seu tempo, das *Rendas, flores e plumas* e das *Recepções da Embaixada*. Popularizaram-se precisamente os trechos aristocráticos: é um facto vulgar na história

das literaturas. Mas — dir-se-á — o livro mais representativo do Conde de Monsaraz é a *Musa Alentejana*. Também não. O livro mais representativo do Conde de Monsaraz são as *Poesias*, porque nele se acham representadas todas as facetas do seu talento múltiplo e diverso: o pintor de história em *Justiça de El-Rei*; o poeta regionalista nos dois trechos, ressumantes de seiva e de vida, em que nos descreve as suas duas quintas do Alentejo, as Vidigueiras e os Colmeiros; o lírico, no *Berço*, iluminura de Missal em que nos mostra o filho pequenino, dormindo; o poeta galante, enfim, na *Arquiduchessa*, jóia que não teve rival na poesia portuguesa e que toda a minha geração soube de cor. A glória de Monsaraz não está apenas numa parte da sua obra; está em toda ela. É preciso reivindicar o Monsaraz integral, o Monsaraz maior, apontando-o, não apenas à Província que lhe foi berço e que dele justamente se orgulha, — mas à Nação, como um dos seus poetas tutelares e um dos seus mais ilustres filhos.

Eis, minhas Senhoras e meus Senhores, o que esta Academia julga dever principalmente acentuar na hora em que celebra a memória do Poeta. A *Musa Alentejana* foi o último livro que o Conde de Monsaraz publicou; mas não foi o último que ele escreveu. Em 1909 lia-me ele já algumas composições destinadas à nova colecção de líricas com que se propunha encerrar a sua obra: *Lira de Outono*. Entre essas poesias — lembro-me delas como se as tivesse ouvido ontem — havia dois sonetos cuja surpreendente beleza e cuja densidade humana me impressionaram: *Tédio mortal* e *Meu Pai*. São dos mais

belos sonetos da língua portuguesa. O seu talento estava em perfeita maturação e em pleno esplendor. Quantas obras-primas poderia dar-nos ainda! Um facto inesperado, porém, a queda súbita, em 1910, das instituições que o Poeta lealmente servira, levou-o a expatriar-se. Foi a primeira machadada naquele tronco robusto e rijo como os sobreiros da sua terra. Os homens, que toda a vida foram mimosos da fortuna, são mais sensíveis aos golpes da adversidade do que aqueles que se endureceram nas provações e no sofrimento. O «exílio doirado de Paris» não passa de uma frase. A dor que Monsaraz experimentou ao separar-se da Pátria foi uma dor quase física, — a dor da árvore arrancada pela raiz. A sua saúde ressentiu-se. Consultou médicos. O abalo moral sofrido tinha agravado os males de que ele já era portador sem dar por isso. Conseguiu equilibrar-se, recobrou energias, instalou-se, começou a viver. Resolvidas as primeiras dificuldades relativas à administração dos bens deixados em Portugal, escreveu, com os olhos marejados de lágrimas, os primeiros versos datados de Paris. Passado um ano, ano e meio, rebelde ao regime dietético que lhe fora instituído, caiu de novo doente. Os médicos aconselharam o regresso à pátria, que não apresentava dificuldades políticas porque o exílio do Poeta fora voluntário. Logo que Monsaraz chegou a Lisboa, visitei-o. Parece que o estou vendo ainda, sentado numa das largas poltronas do salão, um *cache col* roxo, uma quinzena de veludo preto, um *plaid* sobre os joelhos, os cabelos — tinha completamente embranquecido — a envolver-lhe, como uma auréola de prata, a cabeça

morena de cigano, bela ainda. Porque eu era então médico (hoje sou apenas doente), falou-me da sua enfermidade. Achei-o, com efeito, muito abatido. Mas em breve a fisionomia do Poeta se transfigurou e resplandeceu lendo-me os versos que compusera em França para a *Lira de Outono*. Monsaraz tinha atingido, não apenas a sublimidade do pensamento, mas o pleno domínio da forma. Que alto sentido da medida e do ritmo; que solidez de estrutura; que elegância na construção da estrofe; como ele usava da rima, sem afectação e sem esforço; que riqueza de timbres no jogo hábil das vogais; que força e que destreza, que delicadeza e que flexibilidade, — e como tudo na sua arte parecia natural, espontâneo e fácil, a ponto de dar a impressão de que Monsaraz, não apenas escrevia, mas pensava em verso! Para este artista superior não havia poesia sem disciplina; e a disciplina que mais se ajustava às exigências melódicas do verso era, ainda e sempre, a disciplina tradicional. O resto, *verslibrisme* de Gustavo Kahn, parágrafo poético de Vildrac, poesia versicular de Claudel, qualquer que fosse o artifício da sua disposição gráfica, não era verso, — era prosa. Pensava assim o Conde de Monsaraz dos descendentes próximos dos simbolistas; que faria se ele vivesse mais do que viveu e tivesse podido ver a que desordem, a que puro caos de verbigerações incoerentes o futurismo, o dadaísmo, o expressionismo, o existencialismo, o supra-realismo, o culto freudiano do inconsciente e do subconsciente têm levado e estão levando a poesia e, de maneira geral, a arte contemporânea! Não me refiro apenas a Portugal, mas

a todo o Mundo. O espectáculo, mormente em certos países latinos, é confrangedor. Eu presto, como toda a gente, homenagem aos revolucionários sinceros das literaturas, aos inconformistas de boa-fé, a todos os renovadores que, às vezes com sacrifício do seu nome e da sua glória, se obstinam na busca de novas formas, de novos caminhos, de novos efeitos, de novas «verdades estéticas», de novas expressões para a sua inquietação criadora. Eles são, em certa medida, necessários à evolução e ao progresso das letras e das artes. Mas, entendamo-nos: renovar a beleza não é suprimi-la. Renovar a arte poética não é destruir os seus elementos tradicionais, corromper a língua, instaurar o divórcio e a incompreensão total entre a arte e a vida, entre a poesia e o sentimento humano. Não quero já referir-me à essência filosófica da chamada arte modernista, espécie de loucura colectiva e de perigo moral de que deveriam ocupar-se a sério os educadores e os médicos. Mas, ainda mesmo no domínio da forma, permito-me acentuar que a licença absoluta me parece inadmissível. Toda a arte é fundamentalmente um officio, na medida em que constitui uma capitalização metódica de experiências. Há vinte e cinco séculos que a poesia existe (se a contarmos apenas da sua aparição no Mundo helénico), e nunca a linguagem do verso deixou de ter uma medida (versos métricos latinos e gregos, versos silábicos novilatinos), uma construção rítmica, um equilíbrio de quantidades, uma técnica fixada em regras e em preceitos que variam, que evolucionam, mas que nas suas linhas gerais permanecem. A disciplina é o bronze que torna os versos

imortais. O que fica sem ela? Serradura de palavras, que o vento sacode em poucos dias. Querem um exemplo de arte poética viva, flexível, perfeita, humana, eterna? Têm-no na *Lira de Outono*, do Conde de Monsaraz, seu testamento literário. É pena que esta obra póstuma do grande Poeta não tenha ainda sido integralmente publicada. É pena, também, que a despeito da diligência, da solicitude, da devoção, do zelo exemplar de seu Filho e discípulo querido, a edição definitiva das Obras completas de António de Macedo Papança esteja ainda por fazer. Eis um caso em que a acção do Estado poderia com vantagem substituir-se à iniciativa privada. Nesta hora em que o culto da beleza lamentavelmente declina e se subverte, Monsaraz, a sua vida e a sua obra constituem uma lição.

Ainda várias vezes visitei o Poeta. Um dia, tendo a honra de jantar em sua Casa, ouvi-o queixar-se de que a sua glicosúria tinha aumentado assustadoramente. Notei que não fazia regime. Dias depois, um tumor antracóide, o coma, e, sem que a ciência pudesse valer-lhe, o Conde de Monsaraz, grande do Reino e grande das Letras, extinguiu-se serenamente, evangêlicamente, nos braços carinhosos da Família. Curvo-me, com profundo respeito, perante a sua memória. É — como ele disse de Cesário Verde — «um morto eternamente vivo». Há quem julgue que os poetas já não são precisos. Engano. Nunca, como hoje, foi tão necessário restaurar os grandes valores do espírito, que Thomas Mann, no seu dramático apelo da Conferência de Nice (1935), considerou indispensáveis à permanência da dignidade humana. A

poesia, a verdadeira poesia, já não é apenas uma arte: é uma atitude. É a definição de uma posição perante a vida. O acto de glorificar um poeta — este acto, que estamos praticando — tem hoje um sentido mais amplo do que o do simples reconhecimento da beleza da sua obra. Poesia já não é só literatura. Poesia é adoração; poesia é solidariedade humana; poesia é liberdade; poesia é fé; poesia é tolerância; poesia é, substancialmente, o poder divino de criar, oposto ao instinto telúrico de destruir. O poeta constitui o símbolo dos valores universais que é preciso salvar e que se encontram hoje em depreciação no Mundo. Levemos a voz dos poetas a todas as escolas. Povoemos de estátuas de poetas todos os jardins. A poesia tem de voltar a ser a consciência dos povos. Honrar um poeta é dar um passo para Deus.

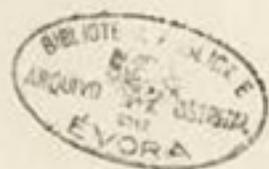
Senhor Presidente: o meu dever está cumprido. Faço votos para que, daqui a um século, o nome glorioso de Monsaraz se oiça ainda nesta sala, as crianças cantem os seus versos, e as chamas votivas da poesia e da beleza continuem perpétuamente acesas no coração de todos os homens. Agradeço-lhes, minhas Senhoras e meus Senhores, a atenção benévola com que se dignaram ouvir-me.

Disse.



PRIMEIRA POESIA







MACEDO PAPANÇA
Aluno da Escola Académica
Aos 14 anos
1866

PRIMEIRA POESIA

AOS 14 ANOS

Mas quem me diz, Senhor, que essas estrelas
Que eu vejo lá no céu, que eu amo tanto,
Não são a bordadura luminosa
Do teu sagrado manto?!

E que essas nuvens, ténues e revoltas,
Que se reflectem no infinito mar,
Não são incensos com que louros anjos
Perfumam teu altar?!

Noites misteriosas, noites lindas,
Em que, cheio de crença, me extasio,
Gosto de contemplar-vos junto às águas,
Nas margens de algum rio:

Ali minha alma triste se engrandece
Para vos adorar, Senhor meu Deus,
Abrange num olhar tudo o que existe:
A terra, o mar, os céus...

Esses três grandes livros onde ensinas
A ler teu doce nome às gerações,
Esses três grandes fogos em que abrasas
Os nossos corações!...

Mas por que me não deste uma alma grande,
Que fosse desvendar esses arcanos,
Que encham de crença e fé e amor e esperança
Os corações humanos?

Assim, quando a pobre alma tenta erguer-se
A mundos de ignorada vastidão,
Nem luz, nem bússola lhe guia os passos
Por tanta escuridão;

Corre, perdida no deserto imenso,
Voa no abismo sem achar-lhe o fundo...
Sente de novo a luz... olha... e de novo
Encontra-se no mundo!...

CREPUSCULARES





MACEDO PAPANÇA

Quintanista de Direito

Aos 22 anos

1874

Vai nesses versos maus, e simples como são
As almas infantis e as rosas em botão,
O curto deslizar da minha mocidade.
Não tenho pretensões a que o meu livro agrade;
Conheço-me, e conheço o que vai ler quem for
Abri-lo, como se abre o colo duma flor,
Para sentir-lhe o aroma, a essência penetrante.
São trovas de rapaz e versos de estudante,
Escritos lentamente em noites de vigília
Roubadas ao prazer, aos livros e à família.
São todo o meu sentir alegre e triste — um mar
Que ora se arqueia manso aos beijos do luar,
Ora espuma a rugir por noites tenebrosas
Em ímpetos de fera e em convulsões nervosas.
Quando se chora e ri, à luz contraditória
Desta dupla expressão que nos define, a glória
Apaga-se, e ninguém procure achá-la aonde,
Para chorar e rir, o coração se esconde.
A glória! eu nem sei bem o que isto quer dizer:
Se a glória é procurar nuns olhos de mulher
A recompensa, o bem a que a se aspira, então,
Descerra-se-me toda a flor do coração
Para se encher de ti, ó luz estremecida,
Olhar de minha Mãe, farol da minha vida.

AS MÁRTIRES CRISTAS

Vão boiando à tona de água,
Levadas de frágua em frágua,
Essas pálidas donzelas,
Como alvas pombas serenas
Dormindo em leito de penas
À baça luz das estrelas.

Vão mortas, vão desgrenhadas,
Por essas noites caladas,
Por essas noites sombrias...
Vibram no denso nevoeiro
A canção do marinheiro,
E o chorar das ventanias.

Levam rotos os vestidos,
E os seus cabelos compridos
Vão soltos pelos tufões;
Envolve-as, lívido, ansioso,
O olhar aflito e choroso
Das tristes constelações.

De onda em onda, à tona de água,
Batidas de frágua em frágua,
As vestes em desalinho,
Vão nas amargas correntes,
Como alvos cisnes dormentes,
Como uns pedaços de arminho.

.....
O mar, o lúbrico amante,
Profana o casto semblante
Das mortas virgens cristãs,
E entre os lençóis do seu leito
Lhes beija as ondas do peito
À branca luz das manhãs.

Andam nas turvas correntes,
Como as nuvens transparentes
No lago imenso do azul...
Filhas dos grandes martírios,
Vossas coroas de lírios
Murchou-as o vento sul!

AS ÁRVORES

Ó fantasmas da noite, ó densos arvoredos,
As comas agitais às virações febris
A murmurar não sei que tímidos segredos
 Em hálitos subtis,
 Que morrem pelo ar,
Como que desmaiando aos beijos do luar.

Ao ver-vos estorcer nas doidas convulsões,
A desprender a voz em lânguidos gemidos,
Agitam-se de dor os nossos corações;
 São prantos doloridos,
 Queixas de quem não dorme
A lamentar, chorando, uma desgraça enorme.

Quando em raios de amor de lúbrica indolência,
Ardentíssimo o Sol, ó árvores, vos beija,
Sois quais noivas gentis banhadas de inocência
 Ante o altar da igreja,
 E estremeceis vaidosas
Como as asas febris das ténues mariposas.

E saem-vos do seio os bandos de mil cores,
Assim como que a alma em fúlgidas plumagens,
Contando a gorjear seus plácidos amores
 Nas lúcidas paragens
 Às nuvens desmaiadas,
Que correm pelo azul, subtis e desgrenhadas.

Imprime-vos na fronte o cunho da tristeza,
À tarde, quando o Sol desmaia no ocidente,
O seu último olhar, o olhar de quem lhe pesa,
 Em quadra tão ridente,
 Depois de tanto gozo,
Adormecer assim nas sombras do repouso.

É então que agitais, viúvas desoladas,
Consumidas na dor, as vossas tranças pretas
Ao perpassar febril das trémulas rajadas:
 Vós sois como uns profetas
 Erguendo os longos braços
Aos templos siderais dos húmidos espaços.

Quando a Lua vos veste as pétalas escuras
Num triste olhar de amor, e o rouxinol se expande
Nos prantos musicais das suas amarguras,
 Um sentimento grande,
 Um vago sentimento
As almas nos eleva à luz do Firmamento.

O vegetais senis, cavados e musgosos,
A cuja sombra eu durmo as indolentes sestas
Se sinto enfraquecer os membros preguiçosos
 No seio das florestas;
 Ó grandes vegetais,
Que as aves protegeis e os ninhos abrigais,

Vinde abrigar também, quando eu morrer, a terra
Que o meu corpo comer; e as vossas castas flores
Que o Sol — o olhar imenso e lúbrico — descerra,
 Possam das minhas dores
 Lembrar a noite escura
A alguém que for chorar na minha sepultura.

À LEONOR DA «MORGADINHA»

Ó pálida Leonor, ó branca flor altiva,
Que ao fogo da paixão as folhas comprimiste,
Como o frouxo cetim da morna sensitiva
Aos raios do luar, em noite amena e triste,
Ó pálida Leonor, ó branca flor altiva.

O artista, o teu pintor, o pobre alucinado,
Vergou sob o punhal das tuas ironias,
Como o cedro robusto e enorme derrubado
Pelo riso fatal das grandes ventanias,
O artista, o teu pintor, o pobre alucinado!

Quando o vês, inclinando o rosto enfraquecido,
Dizer-te, moribundo, o adeus da despedida,
Aquele adeus pungente, imenso e dolorido,
Em que te dá o amor, e em que lhe foge a vida,
Quando o vês, inclinando o rosto enfraquecido,

Tu soluças, Leonor, soluças sem conforto,
Tu sentes a saudade, aquela sombra escura
Pousar no coração, e julgas ver o morto
A fazer-te lugar na mesma sepultura,
E soluças, Leonor, soluças sem conforto.

Ó fidalga gentil, ó pálida orgulhosa,
A raça, as tradições e os velhos preconceitos
Que valem, se tu vês os sonhos cor-de-rosa,
Os teus sonhos de amor quebrados e desfeitos,
Ó fidalga gentil, ó pálida orgulhosa?!

Espera-te a clausura, o túmulo da vida;
Tu vais ali murchar as tuas Primaveras;
Ai flor de espuma, ai flor em prantos consumida,
Sacode o pó dourado, as fúlgidas quimeras;
Espera-te a clausura, o túmulo da vida.

E enquanto que ele dorme à sombra dum cipreste,
Tu volves pela altura o olhar aflito e vago
A contemplar a Lua, aquela flor celeste
Boiando além no azul daquele imenso lago,
Enquanto que ele dorme à sombra dum cipreste.

E o poema de amor da tua mocidade,
Há-de cantá-lo então, no fundo do teu peito,
A tristíssima voz da tímida saudade;
E hás-de sentir, Leonor, em lágrimas desfeito
O poema de amor da tua mocidade.

DE NOITE

(Versos a Dolores)

Sobre o leito, na alcova silenciosa,
Tu dormes, anjo de asas cor-de-rosa.

Num disco luminoso, ansiosa e vaga,
Tua alma em beijos de luar se alaga:

Sonhas... e as alvas roupas transparentes
Debuxam-te os contornos indolentes.

Descobre-te o decote da camisa
A branca espádua acetinada e lisa,

Onde os louros cabelos desgrenhados
Se enrolam em novelos perfumados.

Do leito em frouxo, mórbido abandono
Pende-te um braço no torpor do sono...

Em baixo, sobre a felpa do tapete
Descansa um rutilante bracelete.

Numa farta poltrona de cetim
Abre-se um livro assente em marroquim.

Na pequenina chávena escarlate
Arrefece o desfeito chocolate

E ao lado nos refegos da mantilha
Branqueja a delicada cigarrilha.

Do tecto desce a lâmpada pendente,
Que do globo vermelho e transparente

Despede os túbios, delicados raios,
Que vão beijar-te em lânguidos desmaios.

O finíssimo aroma penetrante
Das violetas espalha-se no ambiente;

E ouve-se o som solene e vagaroso
Dum relógio de bronze aurilustroso.

No ébano fulgente d'uma cruz
Agoniza um anémico Jesus...

Sobre o mármore claro, no fogão,
Em finíssimas jarras do Japão,

Emurhecem as rosas que trazias
Nas cetinosas tranças luzidias.

É já quase manhã; no entanto o olhar
D'alguém que nem se atreve a respirar,

Olhar que se não cerra, que não dorme,
Em que fáiça uma paixão enorme,

Perscrutador, ardente, penetrante,
Cintila atrás d'um reposteiro ondeante...

.....
Sou eu, o triste, o amante desprezado,
Que na vigilia atroz do sentimento
Vela o teu sono quieto, sossegado,
Sem soltar um só ai, um só lamento!...

CAIR DAS NUVENS

Era Inverno lá fora, mas na sala
Havia aquele preguiçoso ambiente,
Que a lenha acesa do fogão exala:
Tu vivias no mundo transparente,

E eu olhava-te as formas recatadas
No cetim da poltrona mergulhadas.

Depois contei-te a minha vida inteira,
Esta vida, esta escura realidade;
E falei-te de amor a vez primeira,
Deste amor que é fatal na minha idade.

Subiu-te às faces o calor do pejo,
E abriram-se-te os lábios num bocejo.

Era trémulo o som da minha fala,
E tinha um triste e magoado acento;
Sentia na alma, como que a turbá-la,
O mórbido soprar do desalento.

E a tua, essa alma fria que tu tens,
Sorria envolta em cínicos desdéns.

Mas, pouco a pouco as pálpebras descendo,
Encobriram-te a luz dos olhos belos,
E eu vi-te, flor de neve, adormecendo
No morno turbilhão dos teus cabelos.

E cego, ansioso, a estremecer, então
Curvei-me, e os lábios te pousei na mão.

Se te picasse a ponta d'um punhal,
Não se erguia o teu corpo mais nervoso:
Soltaste uma risada teatral,
E eu fiquei só, vexado e silencioso,

Ouvindo ao longo dos salões o ruído
Do orgulhoso *moiré* do teu vestido.

NO CALVARIO

Virgens de Nazaré, ó desbotadas rosas,
Chorando junto ao Cristo, o doce agonizante,
— Foi grande a vossa dor, ó almas lacrimosas,
Voando a enxugar-lhe as chagas melindrosas
Do lívido semblante.

Naquele palpitar dos corações doridos,
Naquele doido ansiar que faz partir os peitos,
Soltando a voz plangente em lânguidos gemidos,
Fazíeis estalar os montes, comovidos,
Em lágrimas desfeitos.

Ó tipos ideais dos longos sofrimentos,
Ó tristes corações, abismos de amargura,
Crestados pelo Sol, batidos pelos ventos,
— Choram de imensa dor os astros macilentos
Na vossa noite escura.

Soluça pelo ar uma agonia enorme,
Sacodem os chorões os húmidos cabelos,
O céu é misterioso, o mar imenso dorme,
E a floresta parece uma legião disforme
De aflitos pesadelos!

É negra e longa e triste a noite do Calvário,
Há uns clarões no céu, vermelhos e sangrentos,
No lenho o Cristo envolto em lívido sudário;
E entoa um responsório, um canto funerário
O perpassar dos ventos.

Seu corpo no estertor se arqueia contrafeito,
Tem pisado o semblante, e inunda-o estranha luz,
Inda lhe escorre o sangue em lágrimas no peito...
Ouve-se um soluçar, recôndito e desfeito,
Ês tu, pálida Mãe, chorando aos pés da cruz.

DUAS ÉPOCAS

I

Eras minha e só minha; eu via-te assim como
Um Tântalo d'amor, um Tântalo febril
Que aspirava a beijar o imaculado pomo
— A tua mão pequena, alvíssima e infantil —.

Eras humilde e boa; olhava-te e pensava
Que havias de ser tu, ó pálida açucena,
A minha esposa casta, e ouvia-te e aspirava
O fresco musical da tua voz serena.

Sentia-me tão bem, tão bem, tão confortado,
Se me vinhas falar baixinho ao meu ouvido,
Doce como um perdão, triste como um gemido,
Do teu primeiro amor, meu único cuidado,

Que me punha a cismar então, se porventura
Lá onde habita Deus, nos páramos infindos,
Se encontraria azul de cor mais casta e pura,
Que o azul ingénuo e bom desses teus olhos lindos

E aonde os anjos vão cantar coisas do céu
Nos espaços da luz, no centro da harmonia,
Quando eu subisse lá, se acaso encontraria
Uma voz como a tua e um canto como o teu.

Tu eras para mim um culto abençoado,
Perto de ti sentia aquela estranha unção
De muita fé, que sente um rude, um aldeão
Ante o grande esplendor dum templo iluminado.

II

Hoje és uma *coquette* altiva e pretensiosa,
O ideal *du monde chic*, a flor do *cotillon*,
Que mostra o colo nu e a meia cor-de-rosa
Premida sob o azul da bota à *benoiton*.

Tu falas na Marie, no Seixas e no Guerra,
Que te hão-de fornecer uns *nadas* muito caros,
E em que hás-de mandar vir da Escócia objectos raros
E as sedas de Paris, e as rendas de Inglaterra,

Para os bailes do Inverno e as recepções no Paço,
Cujos espelhos vão decerto reflectir
Esse teu corpo unido ao corpo de um palhaço,
Que só de imaginá-lo até me ponho a rir.

Desejava escutar a prosa almiscarada
Do teu nobre *galan*, do teu aristocrata:
Deve sair sublime a frase trabalhada
Na torpe escuridão duma cabeça chata!

E dizes que já tens um par muito gentil
Para a primeira valsa — o filho dum visconde:
C'est le plus distingué, la fleur du demi-monde,
Cujo esquecido avô foi dono dum barril.

Ele é franco comigo, e um dia há-de dizer-me
Que te falou d'amor, que tu coraste, e que ele
Num beijo te provou o saboroso mel
Das rosas virginais da alvíssima epiderme;

E eu hei-de então contar-lhe um pouco enternecido,
Por ver surgir de novo o sonho de outra idade,
Que o perfume senti da tua virgindade
Por te beijar sòmente a cassa do vestido.

Ai pobre flor perdida! Ai flor abandonada
À quieta podridão dum pântano maldito!
Hás-de beber o fel dum coração aflito,
Na irónica explosão da minha gargalhada.

E nota que ao passar por ti, se me cair
Uma lágrima, ó flor, no teu vestido nobre,
Não penses que a gerou a dor que o riso encobre,
Que eu rio de te ver, e choro de me rir.

SERENATA

Eu não tenho onde me acoite,
Ó pomba dos meus anelos!
Quero esconder-me na noite
Profunda dos teus cabelos.

Quero o teu hálito ardente
Aspirar a longos tragos,
Quero sentir os afagos
Da tua fala tremente.

Depois verás como eu canto
Na minha lira de poeta
Este amor que eu amo tanto,
Ó minha casta violeta...

Como eu te quero! No mundo
Só eu sei e mais ninguém
O affecto imenso e profundo
Que o coração me contém.

À noite, quando me deito,
Vejo o teu rosto, morena,
E, ó pomba casta e serena,
Tu pairas sobre o meu leito.

E na febre em que me abrasas,
Meu doce amor até creio
Que roçam pelo meu seio
As penas das tuas asas.

E que de manso ao ouvido
Me falas do teu amor,
E que oiço perto o rumor
Das ondas do teu vestido.

Que a minha fronte descansa
A sorrir nos teus joelhos,
E sinto os beijos, criança,
Desses teus lábios vermelhos.

Sou talvez um sonhador,
Talvez um louco, talvez;
Mas quero beijar-te os pés
Na febre do meu amor.

E tu, se acaso tens pena
Deste sofrer tão profundo,
Ri-te de Deus e do mundo,
E abre-me os braços, Helena.

A FLOR MORENA

I

Essa criança de moreno rosto,
Debruçada à tardinha na janela
À hora religiosa do sol-posto,
Lembrava a delicada concepção,
 O ideal duma aguarela
Traçada em miniatura num cartão.

Seguia com o olhar escuro e ardente
Um garboso rapaz que lhe acordara
O coração simplíssimo e dormente,
A altas horas, certa noite clara,
 Dizendo-lhe umas frases
 Tão doces, tão singelas,
Como a tímida voz das filomelas,
Como o quente sabor dos ananases.

E cismava — que estranha criancice! —:
«Se um dia, ó meu amor, eu me sentisse
Contigo, a sós contigo, e nos teus braços!»

— E deixou flutuar a fantasia,
Que nos mundos ignotos lhe esculpia
Os luxuriosos traços. —

«O mel da minha boca, por que anseias,
Hás-de bebê-lo em beijos desvairados,
Mais mornos do que os ninhos emplumados,
Mais doces do que o favo das colmeias.

«E os fios de cetim dos meus cabelos,
Tão negros como as asas da Graúna,
Quando esta febre imensa nos reúna,
Ó meu sonhado amor, tu hás-de vê-los

«No remanso das sestas preguiçosas
Enroscarem-se em curvas sensuais
Aos nossos braços nus,
Como longas serpentes venenosas
Aos troncos dos rosaís
E às varas dos bambus.

«Quanto eu te quero!...» Os lábios do ocidente
Beberam toda a luz do Sol, escassa,
Tal uma gota de licor pendente
Das bordas de uma taça.

Sacode a noite a trança desgrenhada,
E a virgem do mistério
— A Lua — ergueu-se, e corre alucinada
No seu fatal sonambulismo etéreo.

O triste rouxinol,
Deixando os musgos quentes do seu leito,
Solta na voz as lágrimas do peito,
O responsório esplêndido do Sol.

E que leviana aquela,
Por essa noite silenciosa e calma,
Cedendo à febre ardente, ao paroxismo,
Mais se debruça ainda na janela,
E o seu corpo é a imagem da sua alma
Suspensa sobre o abismo.

II

Numa noite serena de luar,
À margem da varanda rendilhada
Que deita sobre o mar,
Soltando as tranças pretas,

Esquecia a morena as suas mágoas,
E via um barco ao longe que roçava,
Como as asas das ténues borboletas,
À mansa flor das águas.

Depois ouviu as notas duma flauta,
E a surdina duns trémulos queixumes:
Era a alma suavíssima do nauta
Que lhe enviava uns tépidos perfumes.

«Neste leito que flutua
Vamos dormir e sonhar;
Há-de velar-nos a Lua,
Há-de embalar-nos o mar.

«É mudo como um segredo,
É leve como uma pena;
Desce, vem, não tenhas medo,
Flor morena, flor morena.»

ELA

«Sinto, ao ver-te, os membros lassos,
E a tua voz me embebeda;
Lança-me a escada de seda,
Quero descer nos teus braços.»

III

O mar vai manso, a noite está calada,
A varanda deserta,
A Lua é uma flor de prata aberta,
Que entorna da corola perfumada
A chuva dos desejos.

A flauta emudeceu... mas escutemos:
Só a cadência musical dos remos
E a música dos beijos.

RESIGNADA

Eu sinto uma tristeza enorme ao ver-te assim
Linfática e doente e emagrecida e triste,
Ó delicada flor, que as pétalas abriste,
Com os olhos em Deus e o pensamento em mim.

Tu pressentes a morte, essa doença afinal
Vai-te roubando a cor, vai-te apagando a vida;
E, ao olhares a cruz da tua campa erguida,
Resignas-te e sorris à tísica fatal.

Quando eu te vir o rosto imóvel e sombrio,
E as tochas em redor, e a cruz no altar, e o dobre
Dos sinos se escutar, e te puserem sobre
As tábuas do caixão o corpo inerte e frio.

Eu hei-de acompanhar-te à última morada,
Sem lágrimas, nem luto; e corajoso e forte
Assistirei sereno aos rituais da morte,
E às pragas do coveiro, e às vibrações da enxada.

Mas quando ficar só, e a noite seja escura,
Eu hei-de, ao ver passar-te a sombra flutuante,
Pálido, alucinado e frio e palpitante,
Cair a soluçar na tua sepultura.

QUADRO SOMBRIO

Geme o vento nas harpas do Universo;
Desdobra o manto negro das procelas
Um Deus feroz na profundeza imerso;
Tremem de frio as lívidas estrelas.

O mar espuma indómito, raivoso;
A floresta sacode a juba espessa;
Detrás dum templo enorme e silencioso
Levanta a Lua a fúlgida cabeça.

Um rotundo burguês condecorado
Abre os salões ao ouro lamacento;
Ouve-se um débil coro amargurado
Que sai das grades tristes dum convento.

Passa um polícia grave e majestoso;
A chuva cai nas pedras da calçada;
Chora num beco escuro e tortuoso
Uma criança pobre e abandonada...

Como os rostos dos pálidos algozes,
Surgem fantasmas trémulos, medonhos;
Escutam-se no ar as grandes vozes,
Como se escutam na alma os grandes sonhos.

Correm no azul as nuvens deslizantes
Do vento ao som das rudes gargalhadas,
Como aos gritos do Otelo soluçantes
As tímidas Ofélias desgrenhadas.

O silêncio é sinistro, é misterioso,
Como um ébrio gigante sonolento;
O mundo, um cancro ardente e monstruoso;
A noite, um negro e torvo pensamento.

.....
.....
Pergunto às vezes vacilante, incerto,
O que em nós há de triste e de verdade,
Somos uns grãos de areia no deserto,
Uns algarismos vão na imensidade.

À PRINCESA DE RATAZZI

Princesa, hás-de estranhar que eu erga o reposteiro
Do tépido *boudoir*, e que entre humildemente,
Para beijar-te a mão em que circula, ardente,
O fino sangue azul da Itália... mas primeiro

Vou dizer-te quem sou: não sou nenhum herdeiro
De velhas tradições, que, muito cortêsmente
Curvado, vá tocar a fimbria transparente
Da tua bata, cor da flor do limoeiro;

Não sou, mas quando vejo o lírio do talento
Cheio de aroma e luz, abrindo-se opulento
Nos límpidos cristais da altiva realeza,

Plebeu, embora, e democrata como poucos,
Sinto a febre que exalta os democratas loucos,
E eis-me aqui a teus pés... perdoa-me, Princesa!

A DOIDA DE VAL-FORMOSO

Andava pelas estradas
Com as tranças desgrenhadas,
E o olhar incerto e medroso
A doida de Val-Formoso.

Atiravam-lhe pedradas,
Como às cadelas danadas,
E só achava repouso
Nalgum monturo piedoso.

Tem uma história singela:
Essa mulher era bela,
Inocente, casta e boa;

Mas um dia amou, e um dia
Ele por quem se perdia
Perdeu-a e desprezou-a.

INCOMPATIBILIDADES

Tens a óleo na sala de visitas
Os austeros perfis dos teus parentes,
E disseste-me um dia até que os sentes
Orgulhosos sorrir, se acaso os fitas.

Descendes de D. Fuas, ou não sei
Que português ilustre é que tu dizes,
Que defendeu em tempos mais felizes,
Com denodo fidalgo, o reino e o rei.

Tua mãe nunca perde ocasião
De me insinuar que, nos saraus da corte,
Os rapazes gentis de melhor porte
Te fazem a galante distinção

De se curvarem, logo que tu passas,
Disputando em seguida a primazia
Na tua carteirinha luzidia,
Que os inscreve segundo as suas raças;

E teu pai, se me fala, nunca fala
Senão em pergaminhos, em fidalgos,
Nas ligeiras matilhas dos seus galgos,
No conde, na duquesa, na marechala;

Em suma, nas distintas relações
Do seu nobre solar, abrasonado,
Que é um grande cachimbo, requeimado
Das fumaças de muitas gerações.

Nos jardins, nos teatros, nas igrejas,
Acompanham-te uns cómicos galãs
Dizendo-te umas frases, tolas, vãs,
E enchendo-se de estúpidas invejas,

Se os teus olhos, travessas mariposas,
Em mim se vêm fitar, como num fruto;
E eu que os desprezo e às vezes que os desfruto
Sondando-lhes as almas tenebrosas,

Sinto-me triste, e triste, porque sou
Um pária social, talvez o neto
De algum ser desprezado, e pobre, e abjecto,
Que as botas engraxava a teu avô.

Portanto já tu vês que não podemos
Unir-nos no futuro — ideia negra! —;
É esta uma excepção àquela regra
De sempre se tocarem os extremos.

Eu continuo a ser um sonhador
Que te pede em profunda reverência,
Ao dar-te, humilde, a mais altiva excelência,
O teu fulgido olhar, como um favor;

E tu, a fina solarenga austera,
Irás talvez em breve desfolhar
A grinalda da tua primavera
Nos braços imbecis d'um titular!

DIANTE DUM RETRATO

Correm-me as horas tão mansas
Ante essa fotografia,
Que sinto a casta alegria
Das descuidadas crianças.

Há naquelas longas tranças
A dulcíssima poesia
Das verdes, trémulas franças,
Em que o luar se extasia.

Às vezes, louco, dou vida
A essa imagem querida;
E, como a lúbrica abelha,

Julgo os meus lábios pousar
Nos fluidos daquele olhar,
Naquela boca vermelha.

PLATONISMO

(Prova real)

No teu quarto só tu e eu, ninguém
Mais entra ali, ninguém; só tu e eu:
Contudo é puro como o azul do céu,
E doce como o olhar de minha mãe.

O olhar de minha mãe! não vejo nada
Mais casto e puro do que o seu olhar:
Tem o fresco sorrir da madrugada,
E o imenso, o profundíssimo do mar.

Quando entro ali por essas noites claras,
Em que o luar te beija a loura trança,
E desmaia nas trémulas searas,
Sou tão criança como tu, criança.

O mundo ri-se deste amor, e ri-se
Porque não sabe que te escuto e vejo,
Como se Deus primeiro te vestisse
Da suavíssima luz dum casto beijo.

Se um narcótico — o tédio — me atormenta,
Basta-me entrar na pequenina alcova,
E sinto um ar mais puro, que me alenta,
Um novo coração, uma alma nova.

Tu bem sabes que eu sou um visionário,
Um louco, um — sempre — que te segue os passos;
E por isso tu me abres os teus braços,
E me inundas de luz no teu santuário.

Tu sabes que esta dor me desalenta,
E a crença — a flor da infância — desfalece;
E é por isso que o teu olhar me aquece,
E a tua voz de prata me acalenta.

Não ignoras que eu sou um desprezado.
Uma planta daninha sem futuro;
E agora vejo porque fui plantado
Junto de um lago sossegado e puro.

Ó casta flor azul ingénua e cheia
De brandas harmonias celestiais,
Flor delicada que o luar prateia
Nas lânguidas carícias virginais.

Eu sou o teu cantor, o teu poeta;
Passa os dedos alvíssimos e belos,
Ó minha melancólica violeta,
No escuro sensual dos meus cabelos.

Demora o teu olhar no meu olhar,
— A paz e a guerra — estranha confusão!
Parece o longo beijo que se dão
O azul do céu e os turbilhões do mar.

E deixa-me dormir no teu regaço,
Nesse cálice de flácidas espumas;
E canta de mansinho o que costumás
Cantar nas minhas horas de cansaço.

O olhar curioso e alegre da manhã
Espreita-nos... descerra essa janela,
E que entre e veja que és tão pura e bela
Como o seu pranto — o orvalho — ó minha irmã.

Eu sou um pobre louco, um visionário, O que eu sou
Tu és um terno ideal, sublime e casto: Tu és quem sou
Adeus, amor, adeus! quando me afasto, Adeus, amor, adeus!
Ouço o canto infantil do teu canário. Ouço o canto infantil

A UMA RAINHA

Majestade, ninguém por certo hoje repara
Que eu vá de frente erguida e flor na *boutonnière*
Dum belo fraque azul duma fazenda cara
Deixar o meu cartão e um livro a uma mulher,

Que é distinta e gentil e muito loura e clara
Como o colo dum cisne, antes do Sol nascer,
Num manso lago azul; Rainha, pode ser
Que tu repares, sim, mas ninguém mais repara.

Mas tu és boa e, então, não hás-de ser tão má
Que, ao ver no meu cartão um nome que não está
No orgulhoso *menu* das tuas relações,

Rejertes o meu livro, um livro acalentado
No doido labutar dum cérebro, exaltado
Pelos vinhos ideais das grandes ilusões.

O PADRE BERGERET

(Ao actor Joaquim de Almeida)

VERSOS RECITADOS NO THEATRO DE SETÚBAL

Ó mães, vinde estudá-lo. O monstro está completo;
É ele que vos rouba a flor imaculada
Dos vossos corações, a flor do vosso affecto.

É neto de Satán, filho de Torquemada,
Tem bálsamos no olhar suavíssimo e profundo,
E palavras de mel na boca envenenada;

Tem a nociva paz dum charco nauseabundo,
E o hálito fatal que exala do seu peito
Os miasmas subtis das corrupções do mundo.

Vinde estudá-lo, ó mães! Tirais algum proveito,
Se tendes filhas sãs e castas e inocentes,
E, nas horas da infância, à beira do seu leito,

Lhes ensinai a amar as coisas transparentes,
E o aroma lhes lançai na virgindade austera,
Nos tenros corações, simplísimos e crentes.

O monstro está completo, o autor não exagera;
Chama-se Bergeret; é padre lazarista,
Tem o instinto do mal e as sensações da fera;

Põe um selo de sangue aonde põe a vista;
Cada palavra sua é um punhal agudo;
É vingativo, audaz, covarde e calculista;

Quando o virdes entrar sereno, altivo e mudo,
Envergando a sotaina, o monstro sanguinário
Parecer-vos-á um Deus suavíssimo; e contudo

É um Deus infernal que, abrindo o breviário,
Há-de abrir-vos com ele um fundo e negro abismo,
Falando-vos do céu, do inferno e do Calvário;

E vós heis-de sentir um forte magnetismo
Arrastar-vos febris ao inferno das visões,
Esse inferno do horror chamado o — misticismo,

Cheio de sonhos vãos, de largas aflições,
De remorsos pueris, de mágoas lancinantes,
Que vos não-de rasgar os tristes corações.

E vós sereis então mais torpes que as bacantes,
Porque haveis de ser más, estúpidas, beatas,
Idiotas, imbecis, ridículas, farsantes.

Sêde boas, ó mães, honestas e sensatas,
Educai e instruí as castas andorinhas,
E rasgai duma vez a Bíblia dos piratas.

Mostrai-lhes o Evangelho, e nessas poucas linhas
Ensinai-lhes o amor, o ideal das almas puras,
O Cristo, o grande Cristo, o Deus das criancinhas.

E quando Bergeret, ó santas criaturas,
Passar à vossa porta, erguendo as mãos mirradas,
Fazendo contorsões e hipócritas medidas,

No escuro farejar das grandes emboscadas,
Evitai sempre, ó mães, que o lobo se aproxime
E que fite esse olhar nas pombas recatadas;

Olhar covarde e mau, olhar que não se exprime
Mas que, ao cair no alvor das rosas pudibundas,
Fere como um punhal e mancha como um crime,
Movendo-se febril nas órbitas profundas.

A TENTAÇÃO

Satán levou Jesus ao cimo da montanha:
«É meu tudo o que vês», disse, mostrando o mundo;
Tinha na voz sinistra uma alegria estranha
E uns brilhos infernais no escuro olhar profundo.

«Pois bem, partilharás do meu poder imenso,
Mas segue-me...», e Jesus, o ideal do sofrimento,
Ergueu o triste olhar à luz do firmamento
E como que ficou num êxtase suspenso.

«Mas segue-me», bradava o tentador eterno
Com o encanto fatal das seduções do inferno,
Jesus voltou a face e respondeu-lhe: «Não!»

Ao escutar-lhe a voz, aquela voz divina,
Rolou pela montanha a serpe viperina
E a terra estremeceu, febril como um trovão.

A CELESTINA DE PALADINI

*Ces plaintes, ces accords, ces pleurs, ce doux sourire,
Tous vos trésors, donnez-les-nous:*

ALFRED DE MUSSET

Nós vimos-te saudar num êxtase profundo,
Mulher, ou gênio enfim, que eu não sei bem qual és,
Que tens na mão pequena a vara de Moisés,
Que nos arranca o pranto aos olhos espantados!
Nós vimos-te saudar, ó símbolo da arte!
Nós, os moços, os bons, as compleições nervosas,
Que temos na alma a cor suavíssima das rosas,
E o perfume subtil dos lírios delicados.

Artista, eu sou, quem sabe, um visionário, um doido,
Que traz no coração as convulsões do oceano,
Um espírito vulgar, ou simplesmente humano,
Fanático talvez de te escutar, talvez;
Sou a corda febril que a tua mão dedilha,
E se há inspiração e vida no meu canto,
É que o gerou o fel do teu amargo pranto,
E os poemas de amor da tua palidez.

Tu tens no teu olhar profundo as noites de Veneza,
As sonatas de amor com seus ritmos suaves,
E o aroma dos vergéis e o cântico das aves,
E o riso da tormenta e as lágrimas do mar,
E a triste e vaga luz dos templos silenciosos,
Quando se escuta a voz dos órgãos por instantes;
O céu do platonismo e o inferno das bacantes;
Ai! tudo tens no olhar, mulher, no teu olhar!

Nervosa, palpitante, anémica, franzina,
Tu és a vida, a morte; és a loucura, o espanto;
És a descrença, a fé, a gargalhada, o pranto,
A incarnação do Bem e a tradução do Mal;
Tudo o que é grande e triste e delicado e belo,
Desde o riso infantil e casto como a aurora,
Até ao fundo abismo em que a desgraça chora.
Contradição sublime! Aparição ideal!

Nós vimos-te saudar, a ti, que tens na frente
O esplêndido clarão dos génios imortais,
Cujas asas de luz em páramos ideais
Palpitam pelo azul das íntimas regiões!

Nós vimos-te saudar, e no teu seio alvíssimo
Deixar como um incenso, eterno e recatado,
O nosso imenso amor do teu amor gerado,
O aroma e o calor dos nossos corações!

PERDOA!

Se contrito é pôr-me assim
De rastos a mendigar
A luz pura desse olhar,
Como um perdão para mim;

Se é, com esta timidez
Vir beijar-te a mão de neve,
O alvo colo, a trança leve,
Eu estou contrito, bem vês.

Se tu és um doce alento
À minha pesada cruz,
Se és meu pensar, minha luz,
A luz do meu pensamento;

Se és o perfume que exala
A flor do meu coração,
Quando toma a casta unção
Dos risos da tua fala;

Fala que até me parece,
Quando a escuto, que ela tem
Alguma coisa da prece
Que me ensinou minha Mãe,

Quando eu era pequenino,
E tinha crenças, e tinha
A meiguice da andorinha
Sobre um lago cristalino;

Se és o orvalho que humedece
As rosas do meu caminho;
Se és o beijo que me aquece
E perturba, como o vinho;

Se és o canto que me acorda
Dum sono de pesadelos;
Se é dos teus lábios singelos
Que a minha vida trasborda;

Se nos teus olhos soletra
Um evangelho de amor
A minha alma, e em cada letra
Vê descerrar-se uma flor;

Não me fujas, ave, aonde
Entre as penas delicadas
Das tuas asas nevadas
O coração se me esconde.

Da tela do pensamento
Não me apagues a pintura
Dessa inquieta loucura,
Desse infinito momento

Em que de branco te vejo
Sobre o meu rosto pendida,
Com a boca humedecida
Presa à minha por um beijo.

Perdoa, que o teu perdão
As esperanças dilata,
Entorna-me a luz de prata
Em jorros no coração.

Perdoa, com timidez
Eu te beijo a mão de neve,
O alvo colo, a trança leve...
Eu estou contrito, bem vês.

VITA NUOVA

Nos teus braços cantei, numas canções ardentes,
Os teus olhos azuis com sombras misteriosas,
O fogo do teu seio e a neve dos teus dentes,
E as finas contorsões das tuas mãos nervosas.

Era um rapaz feliz sem pretensões algumas,
Que pensava em morrer alegre e satisfeito,
Levado a flutuar nas ondas do teu peito,
Num branco turbilhão de cálidas espumas.

Cantei, como se canta às horas da manhã,
Deitado num vergel de rosas perfumadas,
E enchendo o coração duma alegria sã
No mistério sem fim das coisas ignoradas.

Eterno sonhador, buscava muita vez,
Cismando pelo azul dos páramos ideais,
Bagatelas de luz, o rasto dos teus pés
No pó fino e dourado ao longo dos rosais.

Ficava-me a seguir, à beira das lagoas
Encostando a cabeça então no teu regaço,
Cheio de muita fé, o delicado traço
Das tuas prescrições suavíssimas e boas...

Hoje não canto já o nosso amor, não canto;
Nem mesmo sei dizer se acaso te amo ou não;
Sinto-me estremecer, quando te aperto a mão,
E fujo de te ver, ai fujo, sim; no entanto,

Se te encontro a chorar nervosa e pensativa,
Só por beber sedento o pranto gota a gota
Nos teus olhos azuis, ó loura sensitiva,
Daria a minha vida, a minha vida, nota.

A UMA CRIANÇA MORTA

Por sobre as tristes alfombras
Daqueles ermos calados,
Como um cortejo de sombras
Cheias de escuros pecados,

Caminha o préstito... ao longe,
Na escarpa das penedias,
Ouvem-se os salmos do vento,
Como a voz triste dum monge
Sob as abóbadas frias
De algum sinistro convento...

Não há flor que não sucumba:
Sobre os crepes duma tumba
Vai morta, inerte, gelada
Uma criança, uma flor...
Entremeados de rosas
Os louros, finos cabelos,
Cingem-lhe em fartos novelos
As magras faces sem cor.

Leva as mãos postas em cruz,
Os olhos meio-cerrados,
Como uns cristais bafejados,
Imóveis, fixos, sem luz...

Ao olhar essa criança,
Já morta naquela idade,
Acode-nos à lembrança
Se acaso será verdade
Haver no azul dos espaços
Um Deus, um Deus que não erra,
Roubando os anjos à terra
Para cingi-los nos braços.

O crepúsculo desmaia.
Vai caindo a noite... o Mar
De encontro às ondas da praia
Numa ânsia eterna, a chorar,
Das entranhas palpitantes
Arranca uns silvos profundos:
Tristes, febris, gemebundos,
Soturnos, longos, cortantes...
Nada o consegue acalmar:
Delira, protesta, grita,
Que a Natureza, de aflita,
Não se pode consolar.

Ouve-se um sino a dobrar.

Pára o trabalho nas eiras;
Ao longe soa cantando
Um fresco, sanguíneo bando
De raparigas trigueiras.

Cantai, ó pombas, cantai,
Que o vosso canto é a vida,
Ó almas castas e francas;
É o adeus da despedida
Àquela pomba que vai
Pelos escuros da morte,
Sacudindo as asas brancas:
Cantai, ó pombas, cantai.
.....

É noite... passam os ventos
Entre a rama dos ciprestes,
E as alvas campas singelas;
Um mocho solta uns lamentos;
Palpitam os pirilampos;
Tremem no ar as estrelas;
Voa o perfume dos campos...

E aquela triste criança,
A murcha, a lívida flor,
Tenho-a ainda na lembrança,
Fria, desfeita, sem cor...

Disse-me alguém que o coveiro,
Esse homem rude e grosseiro,
Tomado de estranha mágoa,
Ao vê-la morta e tão nova,
Quando a pôs dentro da cova
Tinha os olhos rasos de água!...

«LIBERTAS FULGENS»

Caminham de feira em feira
No meio da populaça,
Soltando as vozes tristes da desgraça,
Cobertos de farrapos e poeira...

Um é já velho, magro e bronzeado,
Arrasta-se, faminto e vacilante;
Tem o rosto chagado,
E a voz agonizante.

O outro tem dez anos,
É uma loura e débil criancinha,
Cheia de fome e frio
E amargos desenganos.

Quando presente alguém que se avizinha,
Põe ao ombro a sacola,
Onde mistura os magros donativos,
E abre os olhos azuis, rasgados, vivos,
Para pedir esmola.

E lá se vão os dois de feira em feira,
Arrastando ao Calvário a mesma cruz —
Um, imerso nas sombras da cegueira;
O outro, espriando o olhar na imensa luz.

Assim vós, ó fanáticos dormentes,
Por entre a humanidade
Andais com vossos filhos inocentes
A combater os filhos da verdade.

Mas vós andais curvados, pensativos,
E essas louras crianças pequeninas
Abrangem as esferas cristalinas
Com seus olhos azuis, rasgados, vivos.

UMA HORA TRISTE

Vem um préstito funéreo
De volta do cemitério...
Maria, a flor do lugar
Acaba de se enterrar.

É noite: — o azul sidéreo
É um profundo mistério;
Ouve-se um sino a dobrar,
E ao longe as ondas do mar.

Luís, o noivo, um rapaz
Robusto, valente, audaz,
Alma rude, ingénua e franca,

Inveja os vermes e as cobras
Que vão rastejar nas dobras
Daquela mortalha branca...

À BEIRA DA SEPULTURA

Do meu condiscípulo A. de Barros C. de Campos

O mundo é isto; inda ontem paz, saúde,
Enlevos d'alma, aspirações de glória,
Lampejos desta vida transitória,
Que se apagam nas sombras do ataúde;

Hoje, aqui, na mansão dum cemitério,
Arbusto pelo vento derrubado,
Um cadáver apenas, encerrado
Nas frias tábuas dum caixão funéreo.

Muitos que em doces ilusões hei visto
Fantasiando castelos rendilhados,
Vejo-os pouco depois aniquilados
Pelo braço da morte... o mundo é isto.

E tu morreste, quando a alma ansiosa
Por uns mundos de luz te palpitava;
E era essa muita luz que te queimava
As asas brancas, débil mariposa!

Morreste sem que os olhos te cerrasse
De Mãe um beijo fervoroso e santo,
E, entre soluços, o materno pranto
No estertor da agonia te orvalhasse.

Companheiros nas lides trabalhosas,
Cedendo a essa mútua simpatia
Que ao teu os nossos corações unia,
E te cobre de lágrimas saudosas,

Nós, na tristeza duma dor enorme,
Vimos aqui dizer-te o adeus sentido:
Amigo e companheiro estremecido,
Separa-nos a morte... dorme, dorme!

AO PARTIR

Eu vou dizer-te adeus, eu vou deixar-te em breve,
E tu ficas talvez risonha e sossegada,
Radiante como a luz e fria como a neve,
E alegre como o céu às horas da alvorada.

Adeus, ó meu amor, meu íntimo sacrário,
Meu sonho perfumado alegre e matinal!
Eu ao deixar-te sinto uma agonia igual
À que sentiu Jesus na noite do Calvário.

O Inverno vem chegando; os húmidos nevoeiros
Flutuam pelo azul subtis e transparentes,
Escutam-se do mar uns cânticos pungentes,
Solta-os a voz do vento e a voz dos marinheiros.

Uma saudade imensa alaga a Natureza,
As nuvens vêm chorando as lágrimas do céu,
Também me rasga o peito o espinho da tristeza
E o Sol que me deu vida em brumas se escondeu.

Adeus; se um dia quando, ó flor dos meus anelos,
Pensares neste amor fatal, imenso e triste,
Lembra-te deste adeus que em lágrimas me ouviste,
E envolve-te a chorar no véu dos teus cabelos;

Que eu, ao sentir crescer esta paixão fremente
Como as ondas do mar que a tempestade agita,
Em doidos turbilhões, quando o luar palpita
Sobre o dorso febril da vaga impertinente,

Embora rasgue os pés nos áridos abrolhos
E nunca mais se me desponte a luz do dia,
Ao sentir murchas na alma as rosas da alegria,
Hei-de pensar em ti de lágrimas nos olhos.

SEMPRE

Talvez, talvez que eu possa inda esquecer-te,
E se me extinga na alma o doce aroma
Das crenças do passado;

É possível que, ao ver a flor que um dia
Te despreguei das tranças, ria, ria
De ter então chorado.

Mas quando a Natureza é triste, quando
As aves vão em solitário bando
Outros climas buscar,
E se ouve o agudo sopro das rajadas
A desprender as rosas desbotadas
E os lírios a murchar;

Nessas horas de mística tristeza,
Toma vulto o passado, e com certeza
Há-de lembrar-me então
Da tua voz o terno e brando acento,
E a alegria que eu sinto, o doce alento,
Quando te aperto a mão:

E ao lembrar-te o teu rosto desmaiado,
Teu cabelo de seda desnastrado,
A tua imagem linda,
E a minha ardente e louca mocidade...
— Numa vaga e tristíssima saudade
Eu hei-de amar-te ainda!

CAPRICHOSA

Criança, quando me viste
Desbotada a cor do rosto,
E a cismar neste desgosto,
Que me faz fugir à luz,

Tu disseste, a sós contigo:
É um mártir, é um louco
Que esmorece pouco a pouco,
Ao peso da sua cruz!

Mais tarde pude contar-te
As longas noites passadas
Em vigílias tresloucadas,
Que eu nunca disse a ninguém;
Comoveu-te a dor enorme
Do que sofre e que não dorme,
Porque um dia em que eu andava
Mais macilento e mais triste,
Disseste, quando me viste:
— Meu Deus eu amo também!

Não! Tu não amas, nem sabes
O que é sentir dentro d'alma,
No fundo do pensamento,
Como um pêndulo, uma ideia,
Língua de fogo que enleia
À esperança o desalento...

Amar assim, como eu amo,
Vendo espinhos, vendo rosas,
Abismos, relvas formosas,
Ora o inferno, ora o céu;
Sentir a artéria agitada
E, sem ter onde me acoite,
Correr às cegas, perdido,
Por entre as sombras da noite,
Sempre a ver o teu semblante,
Sempre os teus olhos diante,
Sempre na alma o rosto teu...
.....

Tu nunca amaste, criança,
Nem amas, anjo do céu!
Amar assim, como eu amo,
Arder em fogo que abrasa,
Falar-te às vezes em sonhos,
Pôr-me à sombra da tua asa;
Sentir teu lábio de manso
Suspirando algum segredo,
E, entre a coragem e o medo,

Beijar-te a fimbria do véu...

.....
Tu nunca amaste, criança,
Nem amas, anjo do céu!

Nas longas horas da noite,
Nas horas do teu repouso,
Julgo encontrar-me a teu lado,
A escutar, febril, ansioso,
Sem soltar um só suspiro,
Sem fazer um movimento,
Teu respirar sossegado,
Teu pulsar suave e lento...

E então penso em desprender-te,
Sobre as espáduas de neve,
Os fios acetinados
Da trança formosa e leve.

Se te escuto às vezes, cuido,
Nos transportes da paixão,
Que a tua voz de sereia,
Circulando como um fluido
Me percorre veia a veia,
E me escalda o coração.

Este amor é como o Oceano,
Que arqueia o dorso espumante;
Tem os arrulhos da pomba
E os rugidos do chacal;

Mas tu, que és bela e que és moça,
Alma alegre e perfumada,
Não podes ir arrastada
À minha sina fatal!

Eu bem sei o que te oprime:
É o sonho dessa idade
Que não tem realidade,
Mas que é lindo, mas que atrai;
É um capricho inocente,
Que hás-de ver mudar de rumo;
É uma nuvem de fumo,
Que se forma e que se esvai...

Quantas noites mal dormidas,
Depois dum sonho desfeito,
Cruzadas as mãos no peito,
Fitando os olhos no céu,
Sufocada pelo pranto,
Trémula de comoção,
Sentiste na alma o vulcão
Que o affecto lá te acendeu?

E, às horas em que estremecem
As cordas da tempestade,

Já contaste à imensidade
As mágoas que o peito encerra?
E correndo como doida,
Sem conforto, sem guarida,

Caíste inerte, cansada,
A chorar, de face unida
À face fria da terra?

Pois tu, louca borboleta,
Tu, criança desenvolta,
Que corres de trança solta
Da Primavera ao calor;
Tu, cujo sono é sereno,
Imerso em sonhos dourados,
És tu que choras cuidados?
És tu que falas de amor?!

Não! Tu não amas! Ignoras
A paixão desensofrida,

Que arrefece e apaga a vida,
Que ofusca a luz da razão...
Amar! mas é quase um sonho;
Não amas, não, que se amasses
Nem tinhas fogo nas faces,
Nem gelos no coração!

DESÂNIMO

Minha alma é triste, vaga e silenciosa,
Não sente as doces vibrações da crença:
Um templo em cuja vastidão imensa
Só treme a luz da lâmpada morbosa...

Templo em ruínas, silencioso, austero
Como o lívido rosto dum jesuíta,
Uma espécie de inferno aonde habita
O amor que eu, louco, amaldiçoço e quero.

E vou-me consumindo a fogo lento,
É triste e demorada esta agonia;
Vem um dia de dor, e, após, um dia
De dor mais funda e de maior tormento.

Foi-me estiolando as rosas da saúde
Febre fatal que aos poucos me enlouquece;
E em sonhos o teu vulto me aparece,
Nesta paixão desatinada e rude.

Eu já sonhei na vida umas quimeras,
Uns castelos no ar que em vão procuro;
Era neles que eu via o meu futuro,
Entre os jardins das minhas Primaveras.

Era então que, por essas noites claras,
Ouvia o rouxinol entre as balseiras
E à tarde as frescas vozes das ceifeiras,
No oceano das trémulas searas.

Hoje estou velho e triste e quebrantado
E quando em volta os olhos meus espraio,
Procurando o fulgor do meu passado,
Desfaleço num lânguido desma'c.

Paralisa-me a alma um tédio fundo
E todo eu me sepulto no meu nada,
E a crença — a branca flor imaculada —
Vejo-a boiando nos paus do mundo.

Respiro então uns hálitos de morte,
E a minha boca, trémula e sem cor,
Canta os hinos do Mal, sem que lhe importe
A vã promessa dum viver melhor.

.....
E vou-me consumindo a fogo lento,
É triste e demorada esta agonia;
Vem um dia de dor e, após, um dia
De dor mais funda e de maior tormento.

FANTÁSTICA

Habita no seu castelo
À beira-mar construído,
Altivo como um valido,
Negro como um pesadelo.

Dos seus cabelos o mar,
Cheio de fundos segredos,
Tem o fulgor do luar,
Batendo nos arvoredos.

E os seus olhos, mais escuros
Que o céu das noites de Inverno,
São os caminhos seguros
Por onde se entra no inferno.

Dos seus hábitos secretos
Ninguém sabe ao certo nada;
Ela é servida por pretos,
Que têm a língua cortada.

Mas diz-se que às horas mortas,
Em que o sono estende as asas
Por sobre todas as casas,
Descerram-se aquelas portas,

E desses vastos salões
As rendilhadas janelas
São como as vivas estrelas
Das grandes constelações;

Descerram-se iluminadas...
Ouvem-se então uns rumores
Que lembram os esplendores
Dos áureos contos das fadas.

E passam lá dentro uns vultos,
Ligeiros e misteriosos...
Há uns génios licenciosos,
Nas bambinelas ocultos.

Nas longas ruas compridas
Daqueles jardins cerrados
Andam risadas perdidas
E ditos avermelhados.

.....
Passeia à beira do rio
Sobre o selim primoroso
Do seu cavalo nervoso,
Elástico e luzidio,

E no seu porte correcto
Tem uma altiva rudeza,
A que dá tom a tristeza
Do longo vestido preto.

.....
Quanto tu passas, eu sigo
O teu rasto, porque levas,
Ó branca filha das trevas,
O meu destino contigo!

MAGOAS ÍNTIMAS

Há umas mágoas secretas,
Que a Natureza escondeu:
São as lágrimas do céu
Nos olhos das violetas.

E por isso elas nas fráguas
Se ocultam; por isso as vê
Chorando a triste viuvez
Das suas íntimas mágoas.

.....
São também como as violetas,
Nascidas pelos Calvários,
Os olhos dos visionários
E os corações dos poetas.

AO REGRESSAR

Sim, torno a ver-te a esta alma que estremece
 Ao som da tua fala,
No doce e róseo sonho em que se embala,
 Suspira e desfalece.

Sim, torno a ver-te e a fervorosa prece,
 Que o coração exala,
Qual brando incenso, em pranto se me cala
 E os olhos me humedece.

Eu julgo ver-te assim... a fronte pura,
 Como um lírio inclinada,
Que acende em pejo a cetinosa alvura,

O peito ansioso, a voz entrecortada
 De medo e de ventura,
E a mão nas minhas mãos abandonada...

METAMORFOSE

(No álbum duma senhora)

Não tenho sangue azul nas minhas veias; não,
Minha senhora, e sou um pária, um democrata,
De cuja alma ansiosa em ondas se desata
A torrente febril da audaz revolução.

Não tenho o ar distinto e a compostura exacta
Dum fidalgo de raça, e até na minha mão
Não calça a luva bem, e chego à perfeição
De nem saber formar o laço da gravata.

Sou rude e sou boçal, bem vê, minha senhora;
Mas, se ao passar por mim, a luz transformadora
Dos seus olhos ideais o rosto me aquecer,

Então, como ao sair dum sonho, transmudado,
Há-de me ver submisso, e há-de me ver curvado,
Tal um antigo fidalgo aos pés duma mulher.

NAS VARETAS DUM LEQUE

Criança, quando eu olhava
Tua meiga gentileza,
Nesse olhar que te lançava
Que tristeza!

Porém, se acaso te via
Os olhos rasos de pranto,
Nos enlevos desse encanto
Que alegria!

Uma vez que tu valsavas
Meu olhar, vertendo lume,
Pôde ver que um outro olhavas...
Que ciúme!

Mas depois, nessa amargura
De julgar não ser amado,
Vi desfeito o meu cuidado:
Que ventura!

E agora, triste verdade!
No meu desterro só penso
Neste amor febril, imenso...
Que saudade!

NUM SERMÃO DE CARIDADE

(Fragmento)

É macilenta e triste essa criança,
 Como o clarão da lua;
A voz trémula e fraca, a espádua nua,
Os cabelos e o traje em desalinho,
E o que no mundo a ampara, o que a consola,
É Deus, a caridade: pede esmola
 À beira dum caminho.

Vi-a um dia no templo ajoelhada,
Pálida, quase nua, esfarrapada,
Envolta na miséria que consome;
Na cruz fitava os olhos rasos de água,
Nos lábios tinha um riso de esperança;
Encruzadas as mãos, pobre criança,
 Orava e tinha fome.

Era um dia de festa. Ondas de incenso
Volviam-se no ambiente religioso;
Gemia o órgão brando e suspiroso,
Triste canto de mística poesia;

Nô púlpero, em linguagem concertada,
Falava doutro mundo além da campa
Um padre, em cuja frente se lhe estampa
O reflexo da santa hipocrisia.

E pregava: — «Ao que sofre, ao desgraçado,
Que rasga os pés nos áridos espinhos
Dum caminho de lágrimas regado,
Hão-de inundá-lo plácidos carinhos,
E adormecer de frente reclinada
Nesse leito de estrelas e de arminhos;

«O órfão, a criança abandonada,
Ao vento húmido e frio dos destinos,
Achará nas doçuras dessa vida
A Mãe de Deus, suave e condoída,
Nô regaço abrigando os pequeninos;

«Tereis a recompensa à vossa sorte,
Tristes filhos sem mãe:» — Dizia o padre,
E sacudia a prateada estola.
— «E tu, rico da terra, sê piedoso,
Inunda-te nas luzes do evangelho...» —
Nisto escuta-se o grito angustioso
Da criança, que a fome desfalece,
E a quem dera conforto a íntima prece:
— «Ricos da terra, dai-me a santa esmola.» —

Interrompeu-se a prédica sagrada;
E com voz, em que a cólera troveja,
O padre insulta a triste, a desgraçada;
Manda-a sair da igreja:
E eu vi-a caminhar, pálida e trémula
De susto e de vergonha,
Por entre uma ruidosa multidão,
Que a contempla, risonha.

Reatou o padre o fio do sermão;
Falou do justo e do supremo bem,
E terminou dizendo: — «Além da morte
Tereis a recompensa à vossa sorte,
Tristes crianças que não tendes mãe.»

.....



VERSOS DE DESPEDIDA

*Para serem recitados ao curso do 5.º ano jurídico de 1875-1876
pelo amigo Pedro Esmeraldo*

Eu sou de muito longe e vou partir em breve,
Triste, dessa tristeza enorme e pensativa
De quem talvez não volte à terra aonde teve
As claras ilusões da sua quadra estiva.

Eu sou de muito longe; o berço onde eu nasci
Embala-se na espuma alvíssima do mar...
Tenho lá minha Mãe, o livro onde aprendi
A ser humilde e bom e a padecer e a amar.

Parece que a estou vendo erguer-me nos seus braços,
Febril de comoção, nervosa de alegria,
Ao sentir despontar de novo a luz do dia
Dos seus olhos ideais nos húmidos espaços.

Mas eu que levo na alma um sonho emurchecido,
Uma ilusão desfeita ao sopro da saudade,
Hei-de, ao beijar-lhe o rosto alegre e comovido,
Dizer um triste adeus à minha mocidade.

A FLOR DA MORTE

I

Morreu, tinha sòmente
Vinte anos, e não há-de
Chorá-la; vendo-a a gente
Já morta nessa idade!

Morreu, triste verdade!
Os astros no ocidente
Ocultam lentamente
A dúbia claridade;

E assim aquela vida
Tão fresca e tão florida
Na terra se escondeu.

Que tristes desenganos!
Morreu tendo vinte anos,
Vinte anos e morreu!

II

Morreu! Abra-se a porta
Daquela igreja escura,
Vai dar-se à sepultura
Uma criança morta.

Ao mundo que lhe importa
A dor, desventura
Da débil criatura,
Que a vida não suporta!

Seja-lhe a terra leve...
Vermes, gastai-a em breve
Que eu quero, à noite, só,

Quando ninguém me veja,
Entrar naquela igreja,
Dormir naquele pó!

III

Goivos da morte, e rosas
Da vida, que ela usava
Trazer presas na lava
Das tranças voluptuosas.

Lágrimas silenciosas
Que eu tanta vez chorava,
Se a febre lhe queimava
As pálpebras sedosas,

Vinde cair na terra
Que a minha vida encerra,
Vinde cair, depois

Em volta, nas ramadas,
Chorai, rolas magoadas
E suaves rouxinóis!

IV

Ó nuvens desbotadas
Que andais no espaço errantes,
Sudários e moradas
Das almas flutuantes,

Estrelas palpitantes,
Estrelas engastadas
Nas órbitas cansadas
Das noites soluçantes,

Dizei-me onde ela mora,
Que eu quero a toda a hora,
Contar-lhe as ladainhas,

Da minha triste vida,
Na voz enternecida
Das rolas e andorinhas.

SONETO

(A Domingos Pinto Coelho, oferecendo-lhe uma batuta na récita
do quinto ano jurídico de 1875 a 1876)

Calcei distintamente a minha luva clara,
Vesti-me de *gris perle* e rendas perfumadas
E pus uns borzeguins de miniatura rara,
Mais alvos do que o véu das brancas madrugadas;

E tomo um ar altivo, um ar que se amoldara
Às fidalgas gentis e às noivas recatadas,
Para te oferecer a milagrosa vara
Que vai soltar do som as trémulas rajadas...

Pois bem, ergue-a bem alto, agita-a doidamente
Nos espaços ideais, no páramo fulgente
Onde se arqueia a dor e se concentra a vida

E deixa, ao desprender-se a rude tempestade,
Cair nos corações a chuva da saudade,
Os prantos musicais da nossa despedida.

FOGE

És bela e moça, a vida tormentosa
Para quem vive num sofrer profundo,
Devia ser-te alegre e descuidosa
Porque és criança e te respeita o mundo.

No entanto eu, louco de te ver tão pura,
Cedendo à febre que a minha alma abrasa,
Toquei de leva as penas da tua asa
E maculei-te a virginal candura.

Sim, fui um vil que te roubei, sedento,
O mel e o aroma ao seio que o guardava;
Formosa e livre fui tornar-te escrava,
Folha, colhi-te, e fui lançar-te ao vento...

Esquece tudo o que te disse e goza
À luz que atraí a tua imagem linda;
Foge, criança, e se for tempo ainda
Sacode as asas, borboleta ansiosa.

DESTINOS

I

Escuta; eu vou dizer-te as mágoas e agonias
Da minha vida inteira,
Enquanto o vento geme as roucas elegias
Nos órgãos da floresta, e as toscas penedias
Se vestem de poeira.

Meus pais eram plebeus, a raça era maldita
E eu via-me crescer,
E crescendo comigo o mal que em nós habita;
Eu tenho a compleição nevrálgica, esquisita
E audaz duma mulher.

Fugi de casa, e fui, tinha talvez dez anos,
Pelo mundo sòzinho
A fantasiar ideais, entretecendo planos,
Provando a toda a hora o fel dos desenganos
Nas urzes do caminho.

À noite procurava um tronco envelhecido
E ali ficava a ouvir,

Cheio de intimo horror, o choro dolorido
Das fontes, e no roble enorme e carcomido
O vento a rir, a rir...

Passavam-me ante o olhar os lividos terrores,
Em frios turbilhões;
Escutavam-se perto uns fúnebres rumores,
E os salmos infernais, e os lentos estertores,
E as grandes convulsões.

E, ó minha santa mãe, ó sombra que matei
De dor, de imensa dor,
Minha chorosa luz, tábua da minha lei,
Também te ouvia a ti, a ti que eu tanto amei
Com tão fatal amor!

II

Corri o mundo, o mundo, o vil, o eterno mundo,
A construir ideais
No declive fatal do grande abismo fundo,
Em que a virtude cai ao sopro nauseabundo
Dos velhos tremedais.

E fiz-me sacristão; estava muito em dia
Com as coisas sagradas;
E limpava o salão da igreja, a — sacristia, —
Aonde o bom do cura às vezes recebia
As suas confessadas.

Vestia o meu roupão de alvíssimas paisagens,
Quando ajudava às festas;
Lavava com vinagre as rúbidas imagens,
Depois ia dormir, na paz das estalagens,
As minhas longas sestas.

Uma gentil fidalga, o astro mais brilhante
Da nossa grande roda,
Delirava por mim; eu fi-la minha amante,
E andei com ela então, qual folha flutuante,
Nos vendavais da moda.

Frequentei os cafés, os bailes e os casinos,
Fumava da Havanesa,
Vesti no Keil, e era a flor dos figurinos,
E ria-me do tempo em que tocava sinos,
— O fado e a *Marselhesa*.

Falei em casamento à fidalguinha austera,
Por vê-la um tanto fria,
Porém no tom fatal da sua voz severa,
Chamando-me plebeu, mostrou-me a altiva esfera
A que ela pertencia.

Um dia — já esperava o triste desengano —
Abandonou-me a vil,
E andei ao Deus-dará, talvez por mais dum ano,
Sem ter cabeça até para formar um plano,
— Espírito imbecil!

Hoje não rio mais do tempo afortunado
Em que eu tocava sinos;
Que antes ser sacristão, e andar de ventre inchado,
Que ser em Portugal um mestre habilitado
Para ensinar meninos.

E nisto é que eu vim dar, — um professor de aldeia,
Sem importância alguma;
Mas sinto-me tão bem ao pôr na minha ideia
Que, em longas noites sãs de branca lua cheia,
Te tenho ao pé, que, em suma,

Apesar de me ver na escura decadência,
Tendo tão pouca idade,
Pela primeira vez bendigo a Providência,
Que me faz aspirar a estranha, a via essência
Da pura castidade.

As vezes penso, ao ver-te, — e até nem mesmo sei
Qual de ambas é melhor! —
Na minha santa mãe, tábua da minha lei,
Meu remorso constante, a sombra que matei
De dor, de imensa dor!

E por isso eu te digo as fundas agonias
Da minha vida inteira,
Enquanto o vento geme as roucas elegias
Nos órgãos da floresta, e as mudas penédias
Se vestem de poeira.

CONSEQUÊNCIAS TRISTES

Não sentes, ao pousar nos meus joelhos
A formosa cabeça desgrenhada,
Uns reflexos ardentes e vermelhos
Na face imaculada?

Quando nas minhas mãos aperto as tuas,
E ousa levar aos lábios os teus dedos,
Num mar febril, ó alma, não flutuas
De mórbidos segredos?

Quando, abrindo os teus grandes olhos pretos,
Os vens fitar nos meus, amortecidos,
Não sentes uns narcóticos secretos
Tomarem-te os sentidos?

Quando corres a mão nos meus cabelos,
E desnastras os teus, nervosa e louca,
Não tens pousado em trémulos desvelos
Na minha a tua boca?

Pois bem; é isso o prólogo fatal
Dum romance de lívidas tristezas,
Que vai buscar o epílogo trivial
Às baixas impurezas.

FRAGMENTO DUM QUADRO

Eu estava a sós contigo; a noite mansamente
Desdobrava no azul as pétalas sombrias;
Gemia o vento sul nas altas gelosias,
E agitava-se o mar nervosa e doidamente:

E a minha alma febril, à luz do teu olhar,
Sentia as convulsões magnéticas do mar.

Havia no teu quarto uns cálidos aromas;
A chuva fustigava os vidros das janelas;
Coravam levemente os lírios nas redomas;
Viam-se arfar de manso as alvas bambinelas:

E o teu rosto moreno ó flor aveludada,
Tinha os prantos da noite e os risos da alvorada.

Eu pousava a cabeça então nos teus joelhos
Apertava convulso as tuas mãos pequenas,
E respirava as sãs emanções serenas
Dos teus lábios de fogo, ardentes e vermelhos:

E tu, meu doce amor, curvada aos meus desejos,
Cingias-me um colar intérimo de beijos.

O mar tornou-se quieto, o vento abrandou mais,
A noite era profunda; e as aves, como amantes,
Dormiam no calor dos ninhos palpitantes,
Esses eternos corações dos matagais;

No escuro ansiavam rouxinóis e noitibós,
A luz foi-se apagando a pouco e pouco, e nós...

A * * *

Nas faces, quando coras;
Nos seios, quando tremes;
Nos lábios, quando gemes;
Nos olhos, quando choras;

O amor, que tens pensado
Em risos esconder,
Eu leio, e podes crer
Que fico magoado:

Se eu tenho a consciência
De que este louco amor
Te desbotou a cor
Das rosas da inocência;

Se em discos perfumados
Os teus áureos cabelos,
Sem laço a suspendê-los,
Brincavam desgrenhados;

Para que foi um dia
Meu tresloucado amor
Vergar-te, pobre flor,
Dizer-te o que sentia?

Agora posso eu ver
A rápida mudança
Da vida de criança
Em vida de mulher;

E tenho imensa pena
De não poder agora
Volver à tua aurora
Tão límpida e serena.

Tirar a gente a luz
A quem na luz vivia,
Curvar uma alma um dia
Ao peso duma cruz...

É triste; mas se eu vi
Teu rosto delicado,
Serenos... apaixonado...
Se, ao vê-lo, enlouqueci!

E a culpa quem a teve?
Foi quem te fez formosa,
Foi Deus, pálida rosa,
Foi Deus, pomba de neve.

Mas punge-te no seio
O espinho mais agudo;
Eu adivinho tudo,
Eu hoje tudo leio:

Nas faces, quando coras;
Nos seios, quando tremes;
Nos lábios, quando gemes;
Nos olhos, quando choras.

ALUCINAÇÕES DO SONO

Eu sonhei-me no cimo dum Calvário
Pregado numa cruz,
Por ser, como tu foste, um visionário,
Ó pálido Jesus.

Sentia na minha alma o desalento
Das grandes provações;
Caía a noite e se estorcia o vento
Em rudes convulsões.

Vestiram-me os farrapos dum palhaço,
Dos que andam pelas feiras;
Pairavam, como bêbedas, no espaço
As aves carniceiras.

Não havia ninguém que me chorasse,
Ninguém, ninguém, ninguém;
Tu ao menos tiveste quem te amasse,
Tiveste tua mãe.

E vendo-me apupado e escarnecido,
Naquele isolamento,
Deixei cair no peito, enfraquecido,
O rosto macilento.

Entrar na morte antes de entrar na vida
E sem beber sequer,
Ao morrer, uma lágrima nascida
Nuns olhos de mulher!

Nem aos salmos perdidos da agonia,
Nos escuros do horror,
Ouvi casar a tímida elegia
Dum soluçar de amor.

Morrer assim, que desalento!...

A lua

Ergueu-se avermeihada,
E um corvo, olhando-a sonolenta e nua,
Soltou uma risada,

Uma risada, estrídula e sombria
 Como a voz de Satã...
E o meu olhar já turvo não te via,
 Ó ave da manhã!

Depois a minha voz desfalecida,
 Num ímpeto supremo
Chamou-te e disse: «Ó luz da minha vida,
 Vê como eu soffro e gemo!»

Então ouviu-se um grito lancinante,
 Horrível, sufocado;
E tu surgiste pálida, ofegante,
 O olhar vago, espantado.

O traje em desalinho e os teus cabelos
 A flutuarem, soltos,
E tinhas na tua alma uns pesadelos
 Profundos e revoltos!...

Entrei na morte antes de entrar na vida,
 Sem aspirar sequer,
Ao morrer, uma lágrima nascida
 Nuns olhos de mulher!

FATALIDADE

Quando em jorros de luz teu olhar lanças
Pelo espaço, e tua alma assim procura
Achar alívio lá por essa altura,
O teu olhar é como o das crianças!

E eu, que teus passos dolorosos sigo,
Meus olhos volvo a divagar contigo.

Quando no leito as pálpebras te cerra
O sono, esqueces um momento a vida,
Nas louras asas do sonhar erguida,
Tua alma deixa os tremedais da terra ...

E eu, que teus passos dolorosos sigo,
Se durmo, fico-me a sonhar contigo!

Quando as pétalas de ébano esmaltado
Descerra a flor da noite, é que te escuto,
Envolvido nos crepes deste luto,
O choro aflito, o soluçar magoado...



E eu, que teus passos dolorosos sigo,
As noites levo a soluçar contigo!

Pálida e triste, ó símbolo da mágoa,
Vejo-te ir definhando lentamente!
Têm os dúbios reflexos do poente
Os teus olhos serenos, rasos d'água...

E eu, que teus passos dolorosos sigo,
Também me sinto definir contigo!

Hão-de os gelos da morte arrefecer-te,
E o teu olhar há-de toldar-se em breve...
Mas, quando o triste funeral me leve
As brancas formas do teu corpo inerte,

Eu, que teus passos dolorosos sigo,
Ao ver-te morta, hei-de morrer contigo.

ARREPENDIDA

Levara sempre a vida nas orgias
E trazia em seu rosto desbotado,
O estigma das nocturnas alegrias.

O seu corpo de jaspe cinzelado
Tinha as correctas curvas palpitantes,
Que o artista mais sublime tem sonhado.

Amava o ouro, as pedras faiscantes,
A branca cigarrilha perfumada
E os aromas dos vinhos espumantes.

Se ria, na sonora gargalhada
Descobria-se o irónico azedume
De quem se vê nos charcos atolada.

O seu ardente olhar chispava o lume,
Que acendem nessas almas desvairadas
O ódio, o desespero e o ciúme.

.....
Por uma dessas noites tresloucadas
Encontraram-na morta sobre o leito,
E envolta nas madeixas desgrenhadas.

Tinha o semblante pálido e desfeito,
E a fria mão, crispada, comprimia
Um crucifixo de marfim ao peito.

Nos veludos da pálpebra sombria
Brilhava ainda uma lágrima, a gerada
Nos extremos arrancos da agonia.

Finou-se a prostituta abandonada,
Mas, ao sentir o último lampejo,
Beijou do Cristo a fronte iluminada
E foi-se-lhe a alma presa nesse beijo...

DOIS POLOS

Não, eu não posso esquecer-te:
É fatal, ardente, enorme,
Este amor que nunca dorme,
Que há-de perder-me e perder-te.

Bem sei que o mundo condena
O fogo que manche e tisne
O colo branco dum cisne,
A folha duma açucena.

Bem sei, criança; e eu cismo,
Ao ver-te, no modo como,
Quando aos teus olhos assomo,
Te hei-de arrancar desse abismo.

Mas diz-me um poder oculto
Que este affecto é já tão forte,
Que eu, entre as sombras da morte,
Hei-de ainda ver o teu vulto;

Que sempre, perto ou distante,
Quer durma, quer acordado,
Serás meu único brado,
A minha visão constante.

Lembrar-me eu que, morto, quando
Viver na tua lembrança,
Te hás-de ir, ó débil criança,
Definhando, definhando,

Como a serena beleza
Dos finos lírios suaves,
Ou como as tímidas aves...
Que remorso e que tristeza!

.....
Vai, sombra, vai, que te abrasas;
Eu não te sigo, se fores
Ao longe por sobre as flores
Suspensa nas frágeis asas.

Vai, fuge, que eu não te sigo,
Tomarei outro caminho;
Que antes me perca sòzinho,
Que tu te percas comigo.

Outro caminho, querida!
Fundos mistérios da sorte!
Tu és o polo da vida,
Eu sou o polo da morte.

NO CIRCO

(Versos a uma espanhola)

Tens no langor das formas indolentes,
Quando vestes as roupas transparentes
 Das filhas do Meio-dia,
A morbidez das pálidas Sultanas,
Reclinadas por essas otomanas
 Da Pérsia ou da Turquia.

Quando corres em pé, sobre o xairel
Do cavalo que voa ao som agudo
 Dos rígidos açoites,
Lembra-me a estranha criação ardente
De algum tépido sonho refulgente
 Das *Mil e uma noites*.

Olhos rasgados que fascinem tanto,
Voz que perturbe mais do que o teu canto,
 Por certo que não há;
Nem tão doces, na cútis perfumada,
São as altivas rosas de Granada,
 E os lírios de Alcalá.

Que profundos mistérios não se escondem
Por esse infindo céu de olhos escuros,

Estátua de Carrara!

Tens na alma as ardentias dum Vesúvio,
Que lança as labaredas voluptuosas

Das almas de Navarra!

Por isso eu te amo as formas indolentes,
Quando vestes as roupas transparentes

Das filhas do Meio-dia,

Astro, que mais esplende e que mais brilha
Sob a nuvem de rendas da mantilha,

No céu da Andaluzia!

Teus compridos cabelos desnastrados

Espalham na vertigem da carreira

Aromas de baunilha;

Deixa-me, à sombra deles reclinado,

Ir morrer, como o índio apaixonado

Vai sob a mancenilha!

«SURSUM CORDA»

Tu, que és morena, ó lânguida *coquette*,
E que adoras os *nadas* sedutores
Da tua formosíssima *toilette*,
Que vives entre rendas e entre flores;

Que tens uns dentes brancos e um sorriso
Diabólico, mordaz, concupiscente,
E os perfumes esplêndidos do Oriente
No teu cabelo acetinado e liso;

Que sabes o lugar que deve ter
Uma flor entre as ondas do penteado
E que possuis em grau tão elevado
As mil impertinências da mulher;

Que tens sido cantada pelas harpas
Duns bardos doentios e nervosos,
E lhes metes no peito as duas farpas
Desses olhos profundos e orgulhosos:

Flor das flores, altiva e delicada,
Possuis, ó flor, num cálice de prata
A fina essência etérea, requintada,
Que nos enche de febre, e que nos mata.

Tu desejas, por certo, que endoideça:
Tens o aroma irritante dum veneno
O teu rosto simpático e moreno,
E o teu olhar escalda-me a cabeça.

Quando te vejo, fico-me a cismar
Como deve ser bom dormir deitado
Nesse divã da Pérsia adamascado,
À tibia meia-luz do teu *boudoir*,

E dizer-te: vem cá, minha *coquette*;
Cabeça doida, solta esses cabelos
Pelas costas; desprende-os, quero vê-los
A lamberem a felpa do tapete ...

...Assim, agora enlaça os braços nus
Ao meu pescoço, ó flor, e que me alague
Do teu olhar lascivo a imensa luz...
Assim, agora um beijo... ai! Deus te pague.

Como deve ser bom! mas tu não és,
Ó bela flor esplêndida, afinal,
Mais do que a desvairada embriaguez,
Bebida em morna taça de cristal.

Tens nos lábios a sede dos vampiros,
E os ímpetos nervosos das serpentes;
Há um timbre fatal nos teus suspiros,
E uns venenos ocultos nos teus dentes.

Não tens o casto aroma dos sacrários,
Nem a franca modéstia das crianças;
És o pomo vedado aos visionários,
Na sombra ideal das tuas negras tranças.

Não te pretendo, ó estranha formosura...
Ri-te, à vontade, das paixões dum louco;
Tu só me podes dar a lama impura
E eu quero muito mais... se isto é tão pouco!

MARGARIDA

(*Esboço romântico*)

I

Era uma delicada criatura
De vinte anos apenas, Margarida
Tinha os traços ideais duma escultura,
Fina, ardente, nervosa e destemida.

Montava dextramente o seu cavalo,
Um garboso animal de fina raça,
Ninguém por certo conseguiu montá-lo
Com maior distinção e com mais graça.

E era vê-la, correndo a toda a brida
No selim alvacento:
Chicotinho na mão, saia comprida,
E, no chapéu de feltro desabado,
Uma nuvem de tule entrelaçado
A flutuar ao vento...

Conta-se dela que uma vez lançara
A luva de camurça perfumada,
Quando num salto audaz se desmontara,
Rubra de estranha comoção, à cara
Dum rapaz que soltou uma risada.

Porém o triste não se quis bater
Com a bela amazona destemida;
Viam-no pouco a pouco emagrecer,
E foi perdendo a cor,
E foi gastando a vida,
Em luta mais enérgica e maior.

Ele era forte e audaz como um leão,
Resoluto nos lances de perigo;
Mas teve nessa luta um inimigo,
Um vencedor eterno — o coração.

Dizia toda a gente do lugar
Que a fidalga gentil se rira disto,
E alguém jurava até que a tinha visto
Seguindo devagar,
No seu cavalo, o préstito funéreo
Quando o foram levar ao cemitério.

«Se ela não pode amar...»
Diziam os criados do solar,
«Margarida, a morena,
Tem na alma um fel amargo que envenena.»

No entanto um velho e gordo montanhês
Jurava pelos nós do seu cajado
Que a vira à meia-noite atrás da Ermida
Nos braços de Luís, o enfeitado,
Dizendo-lhe a chorar:
«O derradeiro adeus?
Tu és pobre, bem sei,
Mas se eles nos quiserem separar,
Iremos até Deus,
Que Deus, Luís, bem sabe se te amei!»

Beijava-os o luar
Com esse triste e doloroso olhar
Tão cheio de saudade,
Que, ao senti-lo, a nossa alma se estremece
Bate as asas e vai... desaparece,
No fundo e casto azul da imensidade.

II

Quando à noite se envolve o firmamento
Nas brumas carregadas,
E o mar agita as ondas encrespadas,
E lá no bosque ondoso
Se ouve gemer o vento,
Trémulo e suspiroso,
Na praia, junto ao mar que, doidamente,

Nas grutas solitárias se desfaz,
Esse ignorado e pálido rapaz,
Do peito ansioso e forte,
Sente fugir-lhe a vida e, lentamente,
Aproximar-se a morte.

Defronte, no castelo
Que se ergue na avenida
Do solitário e murmuro jardim,
Através da oscilante bambinela
De flácido cetim,
E à luz escassa e triste e amortecida,
Move-se um vulto de mulher — é ela,
A doce Margarida.

As ondas que se arqueiam buliçosas,
E o silvo das rajadas não impedem
Que se escutem as cordas suspirosas
Da tímida guitarra, toda queixas,
Que acompanha as poéticas endeixas,
A triste cantilena
Duma voz melancólica e serena:

«Margarida, Margarida,
Eu sinto fugir a vida,
Ao calor desta paixão,
Que tu és rica e és nobre
E eu sou plebeu e sou pobre...
Ai coração; coração!»

Descerra-se a janela e ao peitoril
Encosta-se a fidalga a adivinhar
A voz do trovador, quase sumida
 No amargo da paixão,
Que se ouve ainda na praia a suspirar:
 «Que tu és rica e és nobre,
 E eu sou plebeu e sou pobre,
 Ai coração, coração!»

III

Há grande movimento no castelo,
Iluminam-se as vastas galerias,
Pendem balões de reluzentes cores
 Dos freixos da avenida,
Agita-se uma festa esplendorosa;
Por toda a parte há música e flores:
 É noiva Margarida.

O noivo é um idiota com dinheiro,
Descendente feliz em linha recta
Da nobreza mais fina e mais selecta...
 E este orgulhoso herdeiro,
Um cérebro na treva elaborado,
 Ia beber talvez
 A doce embriaguez,
Naquele fino colo recatado;
 Sublime estupidez!

Quando o pai a forçou ao casamento,
Diz-se que Margarida
Jurara pelo sol do claro dia
Que o coração e a vida
Já não lhe pertencia.

No entanto vai casar; cinge-lhe a fronte
A formosa grinalda, o véu flutua
Sobre as neves da espádua seminua,
E, ao ouvir a argentina gargalhada
E ao ver o frenesi dessa travessa,
Não há ninguém na boda que entristeça
E que não diga: «como é bem-fadada!»

No azul imenso e fundo
Vão as nuvens, quais virgens desmaiadas
Que o voo ergueram dos paus do mundo,
Sob os lânguidos beijos do luar,
Branças e perfumadas;
A Natureza dorme, e só do mar
Vem um rugido triste e gemebundo...

É dada meia-noite; anseia, oculto
Por detrás dum folhudo roseiral,
Luís, a quem a festa emurhecera
A última ilusão,
Pálido como a cera,
E apertando na calejada mão
A lâmina fulgente dum punhal.

Por sob o laranjal
Desliza um vulto branco, como a imagem
Dos cantos de Ossian;
Doce beijo subtil, que mal se sente,
De perfumada aragem
Agita o véu nevado e transparente
Da altiva castelã.

«Luis!» — murmura quase que em segredo;
«Tu aqui, Margarida, que ventura!»
E, enrolando-lhe o braço na cintura,
Perderam-se nas sombras do arvored.

«Prometi ser só tua
E disse-te a verdade,
Esposo da minha alma, eu aqui estou.
A vida é-nos apenas um momento,
Mais logo o passamento,
Depois a Eternidade...»
E um beijo se escutou...

IV

Num feroso cavalo reluzente
Correm a toda a brida
Luis, o enfeitado, e, adiante,
Na sela, Margarida.
A grinalda de noiva, descaída
Da fronte escultural,

Prende-lhe o véu; a trança desgrenhada
Oscila-lhe nos ombros de alabastro.

São como os dois fantasmas da balada,
Olhando-se em silêncio sepulcral.

Cessam de galopar,
Chegaram dos penhascos escarpados
Ao cume perigoso;
Em baixo ruge o mar,
Como um grito de morte angustioso.

Então, o enjeitado
Contempla os revoltosos escarcéus;
Sente-se um beijo ardente e prolongado,
Um mal distinto adeus...
Depois uma violenta chicotada
Na curva da garupa azevichada;
O cavalo ergue as patas, forma o salto,
Ouve-se um surdo e rápido estampido,
E, em círculos, o pelago ruidoso
Sepultou-os nas águas,
Que lhes levaram, com a vida, as mágoas.

V

A lua agora traz o rosto oculto
Num ténue arminho... ao longe, ergue-se o vulto

Do ríspido castelo; — os laranjais
Soltam pelo ar
Os seus ténues aromas virginais. —

Perde-se um rouxinol a soluçar,
Nos freixos da avenida;
Fluida, etérea, entre os fluidos do luar,
Desliza a alma febril de Margarida...

CATARINA DE ATARD

CATARINA DE ATAÍDE

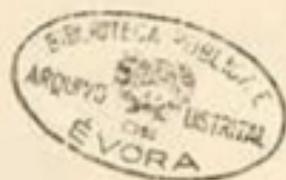
A MEMÓRIA
DE
LUIS DE CAMÕES

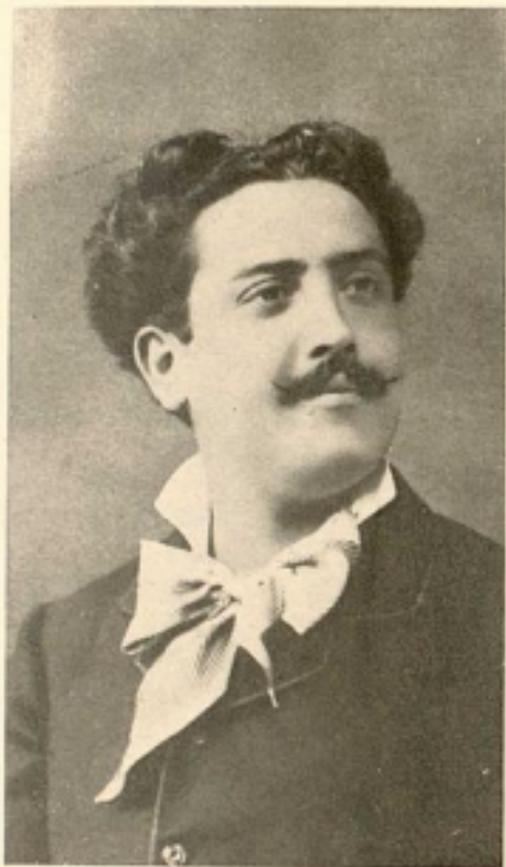
THE
LIFE OF
SAMUEL JOHNSON

PRIMEIRO CANTO

REVISED EDITION

THE HISTORY OF THE
UNITED STATES OF AMERICA
BY
JOHN B. HENNINGSEN
NEW YORK
1900





MACEDO PAPANÇA

Em 1880

Centenário de Camões

NO TEMPLO

É sexta-feira santa. No ataúde
O Cristo dorme o sono de três dias
Que o há-de transformar num Deus — a pomba
Que o voo ergueu dos podridões da terra
Ao manso azul dos páramos celestes.

Ao lado, a mãe, num trágico silêncio,
Imóvel, desgrenhada, estende os braços
Entre a humanidade palpitante
E o cadáver do filho que perdera.

No cimo do Calvário ergue-se o lenho
Entre as acesas tochas funerárias
E os vasos donde as flores desbotadas
Vão desprendendo as pétalas já murchas;
O incenso ergue-se em nuvens flutuantes
E desfaz-se na abóbada sombria.
Luto por toda a parte, — frias brumas
Duma noite de Inverno erma e gelada.

Ouve-se o vento a salmodiar lá fora
Num bíblico gemer severo e triste;
E dentro, como um coro subterrâneo,
O sussurro das rezas vagarosas.

Camões está no templo, entre os fidalgos
Do séquito del-rei D. João III.
Escultural, de pé, em toda a linha
Da sua gentilíssima estatura,
Com a cabeça alevantada e firme
Sobre os ombros atléticos, a fronte
Sombria e carregada de tristezas,
Tinha o vigor das trágicas figuras
Que Vinci e Miguel Ângelo criaram
Na agitação febril da Renascença.
Defronte, na tribuna, reza a infanta
Filha de D. Manuel, e em torno as damas:
Lembra a Madona que se evola em nuvens
Sorrindo numa tela florentina
Cercada de anjos loiros e suaves.

Entre as damas do paço da Ribeira
Estava Catarina de Ataíde.
Tinha quinze anos; era esbelta e loira
Como as visões do perfumado Oriente;
Sorria-lhe no azul dos olhos belos
A ingénua castidade, embora às vezes
Qualquer vaga tristeza os assombrasse.

Nuvem que paira sobre as águas mansas
Quando as alegre e doira o sol nascente.
O coração do poeta palpitava
Sob esse peito forte de guerreiro
Que mais tarde, nas pugnas africanas,
O havia de escudar vestido de aço,
E aos olhos dela enamorado erguia
O seu enorme espírito, assim como
Se erguem do oceano as ondas irrequietas
Ao vasto azul do espaço ilimitado...
Os padres de Jesus, em voz soturna,
Entoavam no coro as harmonias
Dos salmos sepulcrais de Orlando Lasso,
Ao som de um órgão velho e gemebundo,
Vibrado pelas mãos emagrecidas
Dum pálido Jesuíta.

Catarina,

Desviando de Deus os olhos da alma,
Fitava-os no poeta apaixonado,
E fantasiava o encanto, a galhardia
Com que ele, um cavaleiro destemido,
Apertada nos seus robustos braços,
A levaria um dia sobre a sela
Dum fogo corcel na desfilada;
Ante escutava os versos caprichosos
Que ao ouvido, na corte, os lábios dele
Lhe haviam de dizer baixinho, a ponto
De ela os guardar no coração tranquilo,
Donde ninguém lhos arrancasse nunca...
E perdida na doida fantasia.

Deixava-se ir atrás dum sonho vago,
Como as risonhas, cândidas crianças
Que, após a flor levada na corrente,
Se arrastam e se perdem na voragem
Duns abismos revoltos e profundos.
E distraidamente olhava o Cristo,
Inanimado e frio sobre o esquife,
Aspirava do incenso o casto aroma
E o perfume da flor do rosmaninho,
E ouvia os salmos tristes e chorosos,
Entoados no coro pelos padres
Numa funérea voz, soturna e baça...

Amava e era amada, Amor funesto,
Amor que a morte esmagaria em breve,
E que brotava ali ante um cadáver,
Dum mosteiro na fria majestade,
Ao som dos responsórios da agonia!

ENTRE AS ROSAS

E esse amor, essa paixão,
Como um vinho envenenado
Que enche um cristal delicado,
Enchia-lhe o coração.

E a perfumada poesia
Daqueles castos amores,
Serena luz que irradia
Num prisma de finas cores,
Tão descuidosa corria,
Em alegrias tão mansas,
Como um bando de crianças
Sobre um tapete de flores.

Havia nada mais santo
Nem coisa mais deliciosa
Do que o suavíssimo encanto
Daquele amor cor de rosa
Amor que o gérmen encerra

De tudo o que é nobre e grande,
Sol que entre nuvens se expande
E inunda de luz a terra!

Mal vinha rompendo a aurora
Já ela, pálida, inquieta,
Julgava escutar lá fora
A voz triste e apaixonada
Do seu cantor, do seu poeta;
E debruçada do leito,
Trémula, fria, nervosa,
Sentindo dentro do peito
O coração palpitar
De infantil contentamento,
Punha-se então a escutar...
Mas que amargo desalento,
Que funda melancolia!
Pobre criança! o que ouvia
Era as queixas do vento
E as ladainhas do mar!

Que dois affectos os seus!
Num sobressalto constante,
Se acaso pensava em Deus,
Pensava também no amante.
Era um culto singular:
Erguera sorrindo, aos dois,
No coração um altar,

Onde à tarde os rouxinóis
Se vinham pôr a cantar.

Ela dissera baixinho
Um dia ao seu confessor,
A suavidade, o carinho
Daquele inocente amor;
E o padre é certo que havia
Um tal amor proibido;
Mas então já não podia,
Já lhe faltava a coragem
Para apagar do sentido
O encanto daquela imagem!

E depois da penitência,
Ao tomar a comunhão,
Chorava, por ver que tinha
Mais inquieto o coração,
E mais tranqüila a consciência!

PRESSENTIMENTOS

Numa noite d'Abril a branca flor do luar
Abrindo na amplidão as pétalas macias
Pulveriza de luz as solidões do mar.

Agitam-se ao de leve as árvores sombrias,
E as ondas sobre o cais morrem despedaçadas
No lúgubre estertor das lentas agonias.

O orvalho enche de pranto as rosas inclinadas,
Os cravos e os jasmíns embalsamando os ares;
Cantam os rouxinóis na sombra das ramadas.

Como flocos de neve, os brancos nenúfares
Sobrenadam à flor dos lagos preguiçosos;
Branquejam nos beirais pombas dormindo aos pares.

Tremeluzem no azul os astros lacrimosos;
Exalta o pensamento, em estranhas sugestões,
A sombria viuvez dos templos silenciosos.

Na esteira do luar, o vulto de Camões
Destaca-se; contempla as mudas gelosias
Do palácio del-rei; tristes apreensões

Condensam-se-lhe na alma; aladas fantasias,
Sonhos leves de amor, aspirações altivas,
Tudo passou! Talvez que os deliciosos dias

Da sua Primavera e as galas tão festivas
Do seu risonho amor, tocadas pela morte,
Murchassem como à noite as débeis sensitivas,

Expostas sem abrigo à viração do norte,
Do norte que as curvou à lama pestilenta,
Manchando-as para sempre! Entretanto, na corte,

A intriga palaciana, astuciosa e lenta
Como a nódoa do azeite, iria de mansinho
Alastrando... alastrando... e as nuvens da tormenta,

Vomitando a metralha, em escuro desalinho,
Quebrariam talvez o ramo perfumado
Onde o seu louco amor ia formando o ninho.

E o forte coração do poeta apaixonado
Doía-lhe ao sentir a dúvida pungi-lo
Como um fino punhal, agudo, envenenado,
Perturbando-lhe a paz do seu amor tranquilo.

*Abre-se uma janela baixa nos Paços da Ribeira e
aparece o vulto gracioso de Catarina de Ataíde. Ca-
mões aproxima-se.*

CATARINA

Ergui-me há pouco do leito;
É noite, mas sinto agora,
Ao ver-te, a esplêndida aurora
Que me enche de luz o peito:
Estar sôzinha contigo,
Nos teus braços, que ventura!
Não há mais tépido abrigo,
Nem alegria mais pura.

Reparando no rosto do poeta.

Meu Deus, que pálido estás!
Tão triste! Que tens?

O POETA

Suponho
Que o nosso amor é um sonho
Que qualquer sopro desfaz...
Fundos segredos da sorte!
Mas as paixões, uma a uma,
Como o vento apaga a espuma,
Pode apagá-las a morte.

CATARINA, *sobressaltada*

Meu Deus, que triste linguagem!

O POETA

Quando vês qualquer imagem
Num lago azul e sereno,
O teu espírito presente
Que uma pedra ao cair na água
A turve rapidamente.
Não é verdade?

CATARINA

É verdade.

O POETA

Pois esse lago é o amor,
E a pedra anónima, flor,
É a calúnia, a maldade.

A sociedade descobre
Dois namorados; depois
Mesmo a rir separa os dois,
Se um é rico e se outro é pobre.
O teu padre confessor
Já muitas vezes te tem
Censurado o nosso amor
Como uma calamidade:
É filho da sociedade
E defende sua mãe.

Há prejuízos de raça,
Há preconceitos, enfim,
Que te hão-de afastar de mim,
Fazendo a nossa desgraça.

CATARINA, *assustada*

Quem sabe se tens razão?
Nos serões do Paço, às vezes,
Quando tu falas comigo,
O olhar do padre Simão,
Severo como um castigo,
Assusta-me o coração.
E eu baixo instintivamente
Os meus olhos com desgosto,
Porque esse olhar tão ardente
Queima-me a alma e o rosto...

Tenho medo dos Jesuítas,
Dos fidalgos e do rei;
Tenho medo, e acreditas?
Quero explicar-to e não sei.

O POETA, *apertando-a nos braços*

Tremes? não tenhas receio,
Eu sou robusto, sou forte,
E tanto que nem a morte
Te arrancará do meu seio.

Adeus, é quase manhã;
Um beijo... inda outro... São doces
E castos como se fosses
Minha mãe ou minha irmã!
Fala-me ainda uma vez
Do teu amor.

CATARINA

Eu te juro
Que o não há mais forte e puro
Em coração português.

Se vivo, é só para amar-te,
E, Deus sabe se te minto,
Quando tu partes, eu sinto
Que o coração se me parte.

*Ouvem-se passos. Catarina fecha a janela. O poeta
fica pensativo.*

O POETA

Explicai-me, ó grandes sábios,
A fatal contradição
De eu ter o dia nos lábios
E a noite no coração.

Quem me vê diz: quem me dera
Ser tão feliz como ele é!
Oh aparência, oh quimera,
Porque iludes quem me vê?

Eu sei que não tem remédio
Este mal que se traduz
Nos olhos cheios de luz,
Na alma cheia de tédio!

Afasta-se.

Gemem as ondas quebradas
Do mar, que ao longe desmaia,
Contando lendas magoadas
Às fundas grutas da praia.

É quase manhã, à hora
Em que se pode hesitar
Se é já o clarão da aurora,
Se é ainda a luz do luar;

E no plácido sossego
Dessa vaga claridade
Passa um enorme morcego...

É a sotaina dum frade.

The first of these is the
 fact that the
 government has
 been unable to
 secure the
 necessary
 funds to
 carry out
 its policy
 of
 expansion
 and
 reform.

This is due to the
 fact that the
 government has
 been unable to
 secure the
 necessary
 funds to
 carry out
 its policy
 of
 expansion
 and
 reform.

The second of these is the
 fact that the
 government has
 been unable to
 secure the
 necessary
 funds to
 carry out
 its policy
 of
 expansion
 and
 reform.

The third of these is the
 fact that the
 government has
 been unable to
 secure the
 necessary
 funds to
 carry out
 its policy
 of
 expansion
 and
 reform.

ALCANTARA

En el templo de la Virgen María
Canta el sacerdote
Resplandeciente en el altar
El sacerdote

SEGUNDO CANTO

En el templo de la Virgen María
Canta el sacerdote
Resplandeciente en el altar
El sacerdote

En el templo de la Virgen María
Canta el sacerdote
Resplandeciente en el altar
El sacerdote



NA CORTE

No Paço das Alcáçovas havia
Sarau de erudição;
Espalhava-se o clero e a fidalguia
Pelo vasto salão.

Nesse recinto às letras consagrado
O luxo se condensa;
As paredes da sala
São forradas de razos de Florença
Com franjas de oiro fino de Sofala.

Grandes estantes de ébano esmaltado,
Cheias de livros, manuscritos raros
E vastas colecções,
Preciosos arsenais onde os preclaros
Espíritos das damas eruditas
Se armavam para largas discussões
Com os padres jesuítas.

Sobre as felpas caríssimas da Suíça,
Cheias de subtilizas,
Lavradas de arabescos fantasiosos,
Erguem-se as largas talhas japonesas,
Imóveis nos seus bojos silenciosos.

Num pedestal de sândalo, encastado
De prata e de coral,
Destaca-se um trabalho delicado:
Um fino busto, em mármore talhado,
Duma infanta qualquer de Portugal.

Dispersos sobre as mesas de pau santo,
Os mapas e as esferas,
Em horas patrióticas de espanto
Mostravam as inóspitas paragens,
As regiões austeras,
Tomadas pelos velhos portugueses
Nas destemidas, épicas viagens.

As estátuas de mármore reais
De Itália, sobre grandes pedestais
De artístico lavor,
Exibiam-se em frente das pinturas
Suspensas das paredes em molduras
De preciosas madeiras de Solor.

Viam-se os quadros de Mosacio e Giotto,
Os modernos trabalhos de Ticiano,
As telas de Vanuci, o Perugino;
E num tom de materna suavidade,
Repleta de frescura e mocidade,
Uma Virgem de Rafael de Urbino.

Descerravam-se as portas da capela
Ao fundo, no salão,
Deixando ver o rosto macerado
Dum Cristo medieval, hirto e chagado,
Duma severa e bíblica expressão.

Pelas salas e vastos corredores
A fidalguia e o clero,
Adoptando a Escolástica por norma,
Discutem vários pontos da Reforma,
E maldizem o génio de Lutero.

Ostentam os seus trajes, constelados
De ricas pedrarias deslumbrantes,
Os nobres cavaleiros namorados;
E as damas palpitantes
Arrastam pelas martas moscovitas
Os doirados chapins
E os damascos de cores esquisitas
Como as dos mandarins.

Movem-se os grandes leques de xarão,
E na brancura ideal dos colos nus
Sente-se o aroma cáldo e pagão
Do almíscar sensualíssimo de Ormuz.

Fala-se o grego e o latim a esmero,
Lê-se Terêncio e Plauto,
Recita-se Virgílio, Horácio e Homero,
E num grupo de damas silenciosas
Um poeta altivo e de fidalgo porte
Declama as redondilhas do seu auto
Célebre em toda a corte.

Sentada ao órgão trémulo e plangente,
A filha do poeta Gil Vicente
Executa em surdina,
Acompanhada das irmãs Sigeas,
As harmonias, lânguidas e cheias,
Da missa do maestro Palestrina.
E dominando a vasta academia,
Dum trono sob o esplêndido dossel,
Preside a Infanta Real D. Maria,
Filha de D. Manuel.

Luis de Camões contempla a lânguida figura
Da criança gentil, da flor graciosa e pura,
Que aos beijos da sua alma as pétalas descerra;

E ali, tão perto dela, imaginava o louco
Que, para a possuir, anularia em pouco
A infinita extensão que vai do céu à terra!

No seu vestido branco, estreito e perfumado,
Como as virgens que vão às festas dum noivado,
Ou como os querubins das telas religiosas,
Tinha a doce expressão da castidade altiva,
Que o cálice retrai à branda sensitiva
E tinge de rubor as pétalas das rosas.

De branco! E fora assim que ele a beijara em sonhos,
Nos seus sonhos de amor, sombrios ou risonhos,
Conforme o coração lhos inspirava... assim,
Toda de branco, a rir, a rir como as crianças
Pelas tardes de Abril, soltas ao vento as tranças,
Alegres e joviais nas relvas dum jardim;

Ou como a vira já em pesadelos, fria,
Numa câmara ardente ao declinar do dia,
Com os lábios sem cor, as pálpebras cerradas...
E ele sobre o caixão, quase desfalecido,
A beijar-lhe o cetim das pregas do vestido
E o gelo, a rigidez das mãos inanimadas!

E adentro da sua alma, iluminada e forte,
Aquele juvenil e cálido transporte

Desdobrava-lhe um véu de fúlgidas quimeras,
Borboletas de luz que a noite esmagaria,
Quando o sol se escondesse, ao fim do último dia,
Detrás do mausoléu das suas Primaveras.

Pelo tranquilo azul dos grandes olhos dela
Inflamava-se o amor, assim como uma estrela
Que rasga em fogo o céu das noites sossegadas,
E adormecia ao som de músicas suaves,
Num berço casto e bom, feito de penas de aves,
As suas ilusões alegres e doiradas!

Mas no Paço já lavra a intriga peçonhenta;
O escândalo progride, e à proporção que aumenta,
O destino descobre, imperturbável, mudo,
O caminho que vai do berço ao cemitério,
Dos páramos da vida às sombras do mistério,
Donde tudo renasce e onde se abisma tudo!

E a sociedade então, serena e majestosa,
Erguendo a voz, dirá: «Oh corações de rosa,
Que alegres vos abris em peitos de cristal,
Cerrai à luz do dia as urnas pequeninas,
Que jamais há-de o amor, em ondas diamantinas,
Encher-vos de ternura as bocas de coral!

Transgredistes a rir as velhas convenções
De que eu vivo, e portanto, alegres corações,
Preciso de tirar uma desforra urgente:
Hei-de-vos esmagar nas minhas mãos de ferro,
E a peçonha mortal que no meu peito encerro
Há-de-vos corroer a vida lentamente.

E escusais de gemer de rastos sobre a lama,
Que, enquanto uma centelha arder da vossa chama,
Ela há-de iluminar-me um riso desdenhoso;
Não vos escutarei, oh corações magoados,
E só quando vos vir inertes e gelados,
Vos hei-de então deixar, no túmulo, em repouso!»

Entrou pelo salão um pajem da Rainha.
Dirigiu-se a Camões. Na mão pequena tinha
Uma ordem del-rei. Camões, sobressaltado,
Recebeu-a, e fingindo o ânimo sereno,
Beijou, com a meiguice ideal do nazareno,
Do pajenzito imberbe o rosto aveludado.

Catarina escutou, cheia de susto, o amante,
Que lia a meia voz a ordem terminante:
«...De abandonar o reino o poeta cavaleiro
Luís de Camões, porque ama uma fidalga rica,
Ele, um poeta pobre...»

A sociedade fica

Vingada pela mão de el-rei D. João III.

Ouviu-se o grito pungente
Dum coração fulminado...
Ao fundo, o Cristo chagado
Tinha, entre os lumes do altar,
Menos viva a luz do olhar
E o rosto mais desbotado.

Catarina, a débil planta
Curvada ao sopro do vento,
Estava sem movimento,
Fria nos braços da Infanta!
E a filha de Gil Vicente,
Sentada ao órgão plangente
Que geme e chora, termina,
Numa trémula harmonia,
A vasta melancolia
Da missa de Palestrina.

ADEUS

Partir e não saber se voltará depois!
A incerteza que esmaga o peito dos heróis
Ao deixarem na pátria as afeições mais puras,
Que a dor pode lançar nas frias sepulturas,
Invadia também a alma delicada
Do poeta, como a noite escura e desgrenhada
Repassa o vago tom da luz crepuscular...
Ia partir, dizer às vastidões do mar,
Aos mortos areais das plagas solitárias,
Às florestas sem fim, aos corações dos párias,
A tudo quanto ao longe em sombras se lhe erguia,
A dor desamparada, a funda nostalgia
Que em lágrimas de fel, choradas lentamente,
Lhe havia de queimar o coração doente!

O desterro! o desterro! a sede abrasadora
Dum triste que cegou e pede a toda a hora
Ao sol que lhe dê luz e à luz que lhe dê vida,
Que o deixe contemplar a pátria estremeçada,
A terra que ele adora, as árvores gigantes,

As montanhas aonde em pequenino, dantes,
Costumava subir, a igreja, o presbitério,
A casa onde nasceu, e ao largo o cemitério
Em que descansa já, morta de mágoa enorme,
Sua mãe, e talvez onde também já dorme
Ela, a mulher ideal, o seu primeiro amor!
O desterro! o desterro! os dias sem calor,
As noites sem luar, as madrugadas frias,
O vento a sibilar nas velhas penedias,
E nas sombras da noite e no rugir do vento
O peso esmagador dum grande desalento!
O desterro! o desterro!

Antes de se ausentar,

Desejava Camões ainda uma vez beijar
Da fidalga gentil o desmaiado rosto,
Em cujo olhar já via as sombras do sol posto
E a cândida expressão duma ave agonisante,
Ferida, em pleno azul, na asa palpitante.
Iria também dar o abraço derradeiro
Ao grande coração de Bernardim Ribeiro,
Ao amigo infeliz, ao triste confidente
Do seu fatal amor, que muito velho e doente
Chorava em solidão as criminosas faltas
Da sua mocidade, entre as montanhas altas
De Sintra, numa casa humilde e abandonada.

Certa tarde de Abril, risonha e sossegada,
O velho Bernardim seguia com o olhar

Pelo tranquilo azul puríssimo do ar
Uma nuvem subtil de pássaros joviais;
Tinham-se erguido a rir dos plátanos reais,
E ao longe, no recorte opaco das montanhas,
Traçavam pelo espaço as linhas mais estranhas.
Seguindo-os com o olhar amortecido e suave,
Voava-lhe também a fantasia, essa ave
Que abre dentro de nós as asas esmaltadas,
E sobe ao alto, ao alto, às noite ignoradas
Dos espaços sem luz, das regiões da neve,
Onde o homem nunca vai e a águia nem se atreve.
No espírito febril de Bernardim Ribeiro
Deslizavam talvez do seu passado inteiro
Loucuras, aflições e dúvidas sombrias,
O cortejo sem fim das mortas alegrias,
A que a saudade, há muito, erguera um mausoléu
Dentro do coração; e por detrás dum véu,
Como a flor que aparece entre a densa neblina,
Contempla ao certo ainda a Infanta que se inclina
Abandonando a mão, de jóias constelada,
Aos beijos da sua alma ardente e desvairada!
Acordou-o Camões do êxtase profundo,
E ele baixou do azul aos pântanos do mundo,
E ouviu a narração singela e comovida
Das desgraças do amigo. A sua triste vida
Reflectia-se nele.

Um rouxinol, na mata
Escondido, desprende em lágrimas de prata
A lendária canção da sua vida obscura;
Nas grutas naturais cavadas na verdura

Lamentam-se, na paz dos lagos sossegados.
As cascatas senis e os sátiros toucados
De roseiras em flor.

Muito ao longe no poente,
Expira como um justo o Sol, serenamente...

As nobres expansões, comovidas e francas,
Do amigo desgraçado, as longas barbas brancas
Do velho Bernardim molhavam-se de pranto,
E trémulo, convulso, alevantou-se, enquanto
Pedia ao coração o bálsamo, o vigor,
Que suavizasse o fel daquela imensa dor!

— «Vai, disse o velho, vai às regiões do Oriente;
Tu és robusto e são, tu és forte e valente;
Veste o corpo de ferro e a alma de coragem;
Implanta a cruz de Cristo onde vires a imagem
Das luas infernais de Mahomet. Procura,
Sobretudo, trazer a consciência pura
E limpo o coração... Nos combates renhidos
Enterra a espada toda em peitos destemidos
Que lutem contra a Fé Católica Romana;
É assim que se lava a consciência humana
Aos olhos do Senhor, das manchas do pecado,
E o entusiasmo aquece o peito do soldado
Que orgulhoso antevê, ao clarão da vitória,

O seu nome e a brilhar nas páginas da história.
Mas não te empenhes só nas lutas do teu braço;
Tu tens na alma, filho, um luminoso espaço,
No qual do teu engenho as águias gloriosas
Hão-de as asas abrir, altivas e nervosas!
Atravessa tranquilo as provações do exílio,
Luta como Cipião, canta como Virgílio,
Combate e escreve; assim, tu voltarás depois
Para depor no altar que a pátria ergue aos heróis
A pena de poeta e a espada de guerreiro...
Eu sei, Camões, eu sei que hás-de fazer primeiro
O sacrifício atroz das ilusões queridas;
Quando mortas no chão, dispersas, ressequidas,
Vires que nunca mais o orvalho as aviventa,
Sentirás o punhal duma agonia lenta,
Sofrerás uma dor tão íntima, tão funda,
Que jamais o prazer que os corações inunda
Reflorirá no teu as hastes vigorosas
Desse risonho Abril que se desata em rosas.
Em horas tão cruéis, longe da pátria, escuta,
Procura a santa paz duma sombria gruta
Junto do mar, e ali chora sôzinho, chora
Os extintos clarões duma longínqua aurora;
E pelo espelho azul da tua mocidade
Verás então, do luar na mansa claridade,
Perpassando subtis e alvas como o arminho,
As cândidas visões que atrás, no teu caminho
Ficaram, sem poder, tomadas de cansaço,
Arrastá-las contigo a força do teu braço!
Verás então o olhar da tua loira amante,

Turvado pelo véu das lágrimas, distante,
No horizonte da pátria, a contemplar o teu
Na angélica expressão de um grande amor, e eu...
E eu! falar de mim, que mágoa, que loucura!
Eu dormirei então na pobre sepultura
Aonde a caridade o corpo me lançar,
E em que as aves do céu nem vão talvez poisar;
Nos gelos sepulcrais dum mundo subterrâneo,
Hão-de os vermes roer, entrando no meu crânio,
O cérebro que em vida as frescas Primaveras
Povoaram de ilusões e fúlgidas quimeras,
E invadindo-me o peito hão-de sugar-me então
Este gasto, infeliz e triste coração,
Que foi da minha vida o íntimo verdugo,
Porque muito sofreu sob o pesado jugo
Dum desgraçado amor... Adeus! adeus! adeus!
Neste abraço final, que não consinta Deus
No teu peito se te infiltre o vírus corrosivo
Do meu fatal destino!»

E o velho, convulsivo,
Fitando no poeta o meigo olhar piedoso,
Nos braços apertou o peito generoso
Do amigo, a soluçar numa saudade infinda.
Camões partiu, depois de lhe beijar ainda
A cabeça e as mãos.

Separaram-se os dois.
Ouviam-se cantar na mata os rouxinóis,
Ao monótono som das águas murmurosas.

É já noite. A mudez das sombras misteriosas,
Na tristeza mortal dos grandes desgraçados,
O velho poeta ergueu os olhos constelados
E ficou-se a escutar, num êxtase profundo,
Os rouxinóis, a água, a natureza, o mundo!

NUNCA MAIS

Numa lancha à flor das águas
Do mar solitário e brando,
Com a alma flutuando
No oceano das suas mágoas,
Vai o poeta cismando
Na amargura mais sombria.

A noite é húmida e fria!
As ondas gemem distantes
Na praia, como gigantes
Que se estorcem moribundos
Numa pesada agonia,
Na sombra dos horizontes
Há uns mistérios profundos,
Um as esfinges secretas;
As curvaturas dos montes
Da lua ao baço clarão
Parecem grandes profetas
Prostrados em oração.

Das águas mansas, quebradas
Pelos remos flutuantes,
Nascem milhões de brilhantes
Em luminosas golfadas.

Erguem-se as vozes cansadas
E tristes dos catraeiros
Numa vaga melopeia,
Como as canções arrastadas
Das mães que embalam os filhos.
A lua tranquila e cheia
Envolve as ondas do mar
Num véu bordado a vidrilhos
Pelas finas mãos do luar!

O barco atracou ao cais.
Na grande janela aberta
Dos velhos paços reais,
A fidalga palpitante
Julgava perder a vida
Ao cair desfalecida
Nos braços do seu amante!

*Camões aproxima-se da janela baixa dos Paços da
Ribeira. Catarina encosta-se ao peitoril.*

O POETA

Cumpra-se a ordem de el-rei!
A ele pouco lhe importa
A nossa funda agonia...

CATARINA

E eu nunca mais te verei!
Quando voltares um dia,
Hás-de encontrar-me já morta...

O POETA

Morta!

CATARINA

De amor e saudade.

O POETA

A alma vive de esperanças

CATARINA

A minha é como as crianças
Que morrem na orfandade.

O POETA, *animando-a*

Que desalentos os teus!
Anjo, tu hás-de viver!

CATARINA

Os anjos chama-os Deus,
Se os vê no mundo a sofrer.

O POETA

Sossega e escuta: o destino
Vai separar-nos em breve;
Mas posso eu deixar-te assim?
Verga-te o corpo franzino,
Vejo-te fria de neve,
Estás da cor do marfim...
Verás que alegre surpresa
Quando eu regressar um dia...

CATARINA

Adeus, ó minha alegria,
Que eu vou morrer de tristeza!

O POETA

Escuta: quando eu voltar,
El-rei, o próprio D. João,

Há-de pegar-te na mão
E conduzir-te ao altar
Onde estarei; desde então
Só Deus nos pode apartar;
Ora Deus bem se condói
Dos desgraçados, portanto
Não quero ver-te esse pranto
Nos olhos... Hei-de voltar,
Mais rico e nobre, um herói
Que tu hás-de abençoar!
E depois, que belos dias,
Que formosas Primaveras
De amor, por entre os rosais,
Onde tu, pomba, me esperas!

CATARINA

Ai, nunca mais! nunca mais!

O POETA, *lançando-lhe ao pescoço um fio
com uma medalha pendente*

Fica-te nessa medalha
O meu retrato, procura...

CATARINA

Levá-lo p'rá sepultura
Entre as dobras da mortalha!

O POETA

Não! mas procura ocultá-lo
Ao rei, aos padres, à corte.

CATARINA

Só poderão arrancá-lo
Às mãos geladas da morte!

E ali, naquele momento,
À alta temperatura
Dum supremo sentimento,
Caíram no chão desfeitos
Os austeros preconceitos
De raça e as distinções
Da sociedade, perante
O calor febricitante
Daqueles dois corações!

No beijo ardente e profundo
Desse longo adeus aflito,
Não os separou o mundo,
Separou-os o infinito!

A lancha largou do cais
E fez-se ao largo no Tejo;
Camões escutava ainda
O som do último beijo,
E entre lágrimas e ais
Essa estranha profecia:
«Ai, nunca mais! nunca mais!»

A manhã arrefecia
Ao rijo sopro do norte;
Na grande janela aberta
Dos velhos paços reais,
Como as estátuas da morte,
De pé, imóvel e fria,
Catarina repetia:
«Ai, nunca mais! nunca mais!»

TERCEIRO CANTO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
DEPARTMENT OF CHEMISTRY
58 CHEMISTRY BUILDING
CHICAGO, ILL. 60637
TEL. 733-2400

OFFICE OF THE DEAN
OF THE FACULTY
540 UNIVERSITY DRIVE
CHICAGO, ILL. 60637
TEL. 733-2400

MORTA

Na capela real do velho paço havia
Um grande movimento; o sino da agonia
Soluça na amplidão da noite borrascosa.
A amante de Camões, tão nova e tão formosa,
Vai morrer dentro em pouco; a hóstia consagrada,
Para que possa entrar na eterna madrugada,
Irá levar-lhe à alma, ao coração pungido,
Força para exalar o último gemido
Na tímida expansão da derradeira prece...
Nesse instante a consciência ofusca-se e estremece,
Apaga-se a razão no extremo paroxismo,
E a morte deve ser um tenebroso abismo
Cheio de imprecações e irónicas risadas,
Soltas dum turbilhão de sombras condenadas...
É então, quando sente o raciocínio morto,
Que a fé nos grita «vem!», e leva-nos ao porto
Da bem-aventurança...

Oh, espírito moderno,
Tu, que negas o céu e que te ris do inferno,

Que fulminas o dogma e arrasas a Escritura,
Que chamas ilusão à mística ventura
Da vida eterna após a morte desta vida
Tão cheia de aflições, tão curta e tão dorida;
Tu, que obrigaste um Deus, que dominava tudo,
A sair cabisbaixo, envergonhado e mudo,
Dos pavilhões do céu, onde a ciência agora
Anatomiza, à luz duma serena aurora,
Os corpos colossais que giram pelo espaço,
Custa-te a compreender esse apertado abraço,
A ânsia com que outrora a religião ligava
A alma que partia à crença que a levava...

Num cansado estertor, debatia-se o peito
Da criança infeliz. No seu pequeno leito,
Amortecido o olhar, tinto de febre o rosto,
Como as nuvens do céu à hora do sol posto,
Dispersas sobre a roupa as tranças de ouro fino,
Escuta resignada a voz do seu destino
A moribunda flor...

Dois anos são passados:
O amor, as aflições, as rezas, os cuidados,
As noites sem dormir, e por sobre isto tudo
O desalento, assim como um punhal agudo
Sempre no coração, puseram lentamente
No regaço da morte essa existência doente.

No quarto ergue-se ao fundo o grande altar forrado
De damascos de Lucca, onde um crucificado,

Entre as jarras da China e as pratas do Japão,
Tolera silencioso esse esplendor pagão,
Inclinando no peito a fronte resignada...
Sobre o tapete reza em lágrimas banhada
A rainha, e ao pé dela as damas e açafatas
De rastos pelo chão, em prostrações beatas...
Perto do leito, um padre esguio e macilento
Contempla a moribunda e procura o momento
De lhe pedir, baixinho, inda uma vez, que esqueça
A imagem que ela tem no coração impressa
Em hora tão solene. O padre bem sabia
A trágica paixão contada dia a dia
De joelhos a seus pés.

Ele era o confessor,
Que tanto castigara esse funesto amor
Na dura penitência imposta rudemente
À virgindade ideal desta alma transparente.

*O padre confessor, sentindo aproximar-se o Viático,
desperta a moribunda.*

O PADRE

Aproxima-se o Senhor
Filha; que grande alvoroço
Vais sentir no coração...
Esmaga pois esse amor,
Essa profana paixão...

CATARINA, *desfalecida*

Não posso, padre, não posso...

O PADRE

Ao penetrar os humbrais
Da Eternidade, procura
Abafar a voz impura
Das tentações infernais.
Prepara a tua consciência,
Põe em Deus o último olhar,
Ele é Pai e Senhor nosso,
Há-de-te enfim perdoar...

CATARINA

Não posso, padre, não posso...

O PADRE

Tu morres impenitente,
Pobre criança...

CATARINA

Não!... Não!
Deus tem no meu coração
Um culto sincero e ardente...

O PADRE

Mas esse amor condenado...

CATARINA

O sofrimento o redime,
Este amor... Se ele é um crime,
Tem sido bem castigado...

E apertava nas mãos o medalhão, aonde
— Avarenta do amor — o seu tesouro esconde;
Medrosa de que alguém, quando ela dorme ou reza,
Lhe inveje esse retrato e roube essa riqueza.
O padre então ficou imóvel e sombrio,
Fitando-a com o olhar desanimado e frio,
Como o abutre contempla a pomba estrangulada
Em plena Primavera, à luz da madrugada.

Ao longo dos salões e vastos corredores,
Os fidalgos, el-rei e os velhos servidores
Do paço, iam seguindo em lenta procissão,
Cantando, como ordena o ritual cristão,
O hino ao sacramento...

A umbela ia na frente,
Bordada a oiro fino e pérolas do Oriente,
Mal pulgente dossel do trono dum nababo;

Depois el-rei, depois ia a nobreza, e ao cabo
Os servos a cantar, curvadas as cabeças,
Como um coro infernal de vítimas oprimidas.

Sobre o Tejo pairava um temporal desfeito:
As ondas em cachões erguiam-se do leito,
Espumantes de raiva, assim como serpentes
Lutando num deserto em convulsões ardentes;
O vento fustigava as trémulas vidraças,
Tinha na voz sinistra os gritos, as ameaças,
Que findavam depois num lânguido gemido,
Como após o combate um lutador vencido.

Catarina, ao tomar a comunhão, sentia
Fugir-lhe a luz do olhar na treva densa e fria
Da morte... Era chegado o último momento.
O cortejo saiu, e o hino ao sacramento,
Como um canto febril de aflitos corações,
Morria a soluçar pelos vastos salões,
Ao longe...

No silêncio ouvia-se o estertor
Da agonia final... O padre confessor,
Silencioso, em pé, cruzara as mãos no peito...

Quando *tudo* acabou, correu por sobre o leito
As cortinas de seda, ante a rainha absorta,
E disse secamente esta palavra: «morta».

SOBRE AS AGUAS

Camões voltava, enfim, do seu longo desterro.
Como que se lhe abria um cárcere de ferro,
Onde, sem luz nem ar, ao coração aflito,
Se gemia uma queixa ou se soltava um grito,
Sòmente respondia um silêncio profundo.

Voltar do exílio à pátria é vir do inferno ao mundo:
É deixar o martírio, o desalento, as mágoas,
E sobre o fresco azul pacífico das águas,
Repassando os pulmões de força e de saúde,
Erguer o olhar do céu à doce beatitude,
Ver perto a casa, o lar, uma existência quieta,
Tudo o que o pensamento em sonhos architecta
Quando o aquece o amor e o esmalta a fantasia...
Dissipava-se a noite à luz dum novo dia,
E respirava, enfim, desoprimidamente.

Camões voltava pobre e fatigado e doente.
Vinha com ele o Jau, esse modesto escravo,

Seu amigo leal, um destemido, um bravo,
Em cujo olhar sorria uma alma cristalina.
Acompanhara-o sempre, em África e na China,
Combatendo ao seu lado... Era um tesouro o Jau!
Quando na solidão da gruta de Macau
Camões lhe recitava os versos palpitantes,
Ante a orquestra febril das ondas espumantes,
Que Deus rege do azul, o escravo, subjugado,
Rojava-se-lhe aos pés em lágrimas banhado,
Humilde como um cão...

Na solitária gruta
O génio dominava a natureza bruta.

Vinha a bordo também um poeta moribundo,
Espírito gentil e coração profundo:
Era Heitor da Silveira, o amigo de Camões,
Que entre as névoas da morte, aos últimos clarões
Da existência, pedia uma réstea de vida
Que o levasse inda a ver a pátria estremecida,
Ao menos uma vez... E a pátria estava perto.

Sobre o cristal do oceano, o sol, a descoberto,
Como um topásio enorme, em jorros, ilumina
Essa manhã d'Abril formosa e diamantina.
A alegria repassa as almas dos soldados,
Que reprimem no peito as expansões e os brados
Que hão-de estalar depois, numa forte explosão,
Como a lava que rompe a crosta dum vulcão,
Quando surgir ao longe a terra prometida.

Camões cismava então na sua triste vida:
Que desgraçado ele era! O amigo moribundo,
Antes de ver a pátria, ia deixar o mundo,
Ia partir, morrer, e, o que mais o tortura,
Talvez nos braços dele! Amarga desventura!
Morreria também, se à flor do sentimento
Lhe não boiasse a fé, nesse cruel momento.

Mas ele tinha o orgulho, a convicção suprema
De que a glória da pátria estava no seu poema,
Nesse livro imortal, escrito nas tristezas
Do exílio, entre os canhões das velhas fortalezas,
Junto do largo mar...

Esplêndido tesouro!

Valia muito mais do que essas minas d'oiro
Arrancadas, à luz duma ambição fervente,
Aos flancos colossais das montanhas do Oriente.

A sua voz, cantando os épicos gigantes,
Levados pela fé aos pontos mais distantes
Do globo, entre o rugir das broncas tempestades,
Vencendo heróicamente exércitos, cidades,
Destruindo, arrasando os cultos imorais,
Suportando o rigor dos climas tropicais
E erguendo em toda a parte o grito da vitória,
A sua voz dirá ao universo a história
Duma raça de heróis, duma nação de atletas,
Que tinha a inspiração nervosa dos profetas

E o assombroso vigor dos Gregos destemidos.
A história, as tradições dos tempos decorridos,
O ardor peninsular, os dogmas religiosos,
O misticismo ideal dos corações piedosos,
Que arrastara Colombo à temerária empresa
E o padre Santo Inácio à cova de Manresa,
As correntes do sangue e os impulsos da raça,
Enfim, tudo o subjuga, enfim, tudo o repassa
Desse influxo febril, o cúmulo da ideia,
O génio! o imenso sol, que da grande epopeia
Lhe tinha fecundado as flores imortais...

Na tragédia sem fim dos velhos temporais,
O oceano alevantara os monstruosos braços
Das ondas, ao clarão sinistro dos espaços,
Para lhe arrebatara, numa loucura extrema,
A existência, e também a sua glória — o poema!
Mas ele então, herói! mais forte do que o oceano,
E muito mais audaz, num esforço sobre-humano,
Gritou-lhe: «hei-de vencer-te!», e atirando-se às vagas,
Entre um coro infernal de rugidos e pragas,
Salvando omnipotente as goelas dos abismos,
Resistindo ao furor dos rudes cataclismos
Nos desertos do mar, em frémitos arroja
O poema vitorioso às praias de Camboja!

Que o diga Deus, que além, nos páramos distantes,
Suspense entre os vulcões das nuvens flutuantes

A vomitarem fogo, o espreitava e sorria,
Louvando-lhe o vigor da estranha valentia...

Voltava novamente à terra em que nascera.
Que mudanças, Senhor! ninguém na pátria o espera.
Seu pai tinha morrido; os amigos, também,
Levara-lhos a guerra; apenas sua mãe,
Uma pobre velhinha adoentada e triste,
Cansada de sofrer, lhe dizem que ainda existe;
E a fidalga gentil, a sua loira amante,
Que ele sentia já, nervosa e palpitante,
A pedir-lhe e a escutar as longas narrações
Do seu triste viver no fundo dos sertões,
Sobre as ondas do mar, nas refregas, na luta,
Ou sòzinho, na paz dessa tranquila gruta
Onde ela tanta vez, em forma de visão,
Sorrindo, lhe beijara o rosto e o coração...
Tinha tudo mudado!... El-rei D. João III
Também já não vivia, e Portugal inteiro,
Esse sonho da Europa, essa opulenta herança,
Repoisava nas mãos duma débil criança
Com a cabeça doida e o coração fanático...

Sobre as águas, a nau, como um pássaro aquático,
Vogava brandamente em direcção à terra...
Sintra mostrou ao longe os píncaros da serra,
E então um coro enorme, um grito estrepitoso,
Estremeceu no espaço!

Heitor, febril, ansioso,
Quis erguer-se e caiu sem vida, bruscamente,
Nos braços de Camões...

CRENÇA EM DEUS

Curvada pela idade, a mãe do poeta reza
Em frente do oratório; uma densa tristeza
Turva-lhe o doce olhar em lágrimas banhado.
As saudades que tem do filho desterrado
Pungem-lhe o coração... Ela está pobre e doente,
Naquela triste casa em que a morte recente
Do marido a deixou desamparada e velha.
Nunca mais viu brilhar uma única centelha
De alegria e de amor na sua noite escura;
Sempre sôzinha ali, como numa clausura,
Espera resignada a eterna liberdade...
Entre os gelos cruéis duma propecta idade
Abrem-se à luz do céu as pétalas da crença,
E a alma paira então assim como suspensa
Num raio de luar com que Deus a convida
A subir, a subir à pátria prometida...
Nos pântanos da terra, o luar da religião
Ilumina um cristal puríssimo — a oração —,
Atravessando o qual, em toda a nitidez,
O triste olhar da fé contempla muita vez
A recompensa ideal que Deus reserva àquele
Que a sociedade enjeita e a compaixão repele.

A velhinha rezava em lágrimas banhada;
Foi então que sentiu subindo pela escada,
Vertiginosamente, uma pessoa, alguém
Que gritava:

— Sou eu, aqui estou, minha mãe! —

E nos braços do filho a velha, surpreendida,
A chorar, a tremer, caiu desfalecida
E sem poder falar...

— Minha mãe, minha mãe, —

Dizia-lhe Camões — sou eu, aqui me tem!... —
Ela então murmurou, ao ver nos olhos seus
Brilhar de novo a luz:

— Bendito seja Deus!

Bendito seja Deus!... —

Entre as portas da sala,
Escondido na sombra, o pobre escravo exala
Um íntimo suspiro... ele também pensava
Naquela triste mãe que lhe ficara em Java,
Quase morta de dor... Nunca mais a veria!

Na cruz agonizava um Cristo humildemente
Entre as velas do altar.

Camões falou do Oriente,
Dos combates no mar, dessas horas passadas
Lutando entre o fragor das ondas sublevadas...

E ao ouvi-lo falar, a velhinha tremia
De susto e de terror...

Pintou-lhe a nostalgia,
As saudades da pátria e da família, o medo
De nunca mais voltar do áspero degredo.

Ela então descreveu-lhe a sombria tristeza
Em que vivia ali, no luto e na pobreza...
— E voltas rico, tu? —

— Riquíssimo! aqui tem
Uma riqueza enorme! — E ao regaço da mãe
O poema arremessou...

Depois falou da amante;
A velha estremeceu... — Que delicioso instante,
Que surpresa, Senhor, ele ia preparar
Ao seu amor... —

Mas vendo a mãe a soluçar
Estremeceu também... perguntou-lhe o que tinha,
Porque chorava assim...

E a trémula velhinha,
Numa luta cruel a debater-se, então,
Disse-lhe a meia voz:

— Não partas, filho, não...
Não a podes já ver... ela vive no céu... —
— O que diz, minha mãe? não posso já... —

— Morreu.
Resigna-te... Foi Deus que assim o quis, meu filho. —

O poeta cambaleou no pavimento, o brilho
Da razão ofuscou-lho a noite da loucura,
E ao pensar na mudez daquela sepultura,
Onde imóvel e fria a amante repousava,
Numa suprema dor, chorando, blasfemava!
Mas como ouviu a mãe a murmurar baixinho:
«Bendito seja Deus!», sentiu, num redemoinho
De fortes sensações, fugir-lhe a luz da crença;
E na sua alma então a dúvida suspensa
Tinha a sinistra cor dum pássaro nocturno...

O POETA, *numa sombria expansão, depois
de um silêncio prolongado*

Foi Deus quem ma roubou na flor das Primaveras!
Ao sinistro fulgor das lívidas esferas,
Vejo-a junto do altar das vítimas formosas,
Que se vestem de branco e se toucam de rosas,
Sorrindo ao sacrificio, ao místico noivado
Que deve ter lugar no azul imaculado
Dos páramos do céu...

Que importa que ao voar
Deixem no horror do luto as mães a soluçar,
Enchendo os corações de lágrimas pungentes,
Seguindo com o olhar, febris, inconscientes,
O cadáver que vai sumir-se numa cova!
Se a filha é fresca e pura e delicada e nova,
Se é flor que o sol criou, deve esfolhá-la o vento;
Há um Deus que se esconde atrás do firmamento,
Que é como a hidra fatal que exige um bom tributo

De corpos juvenis... Que importa a dor e o luto!
Parti, deixai-nos, ide, ó pombas inocentes,
Tomai o casto véu das nuvens transparentes,
De estrelas inundai os fúlgidos diademas,
Desfazei num sorriso as cóleras supremas,
E, aves brancas do céu, entrai na Eternidade
Sem macular o alvor da vossa virgindade!

A velha cai de joelhos a chorar, com as mãos erguidas diante do oratório. O poeta, depois de um êxtase momentâneo, continua:

Nunca mais! nunca mais!... Inda me lembro, quando
Eu te vi tanta vez, junto ao sol-posto, olhando
As nuvens pelo azul vastíssimo e profundo,
Da triste inspiração, do mau pressentimento
Que infligia à minha alma um lúgubre tormento:
— Que tu, anjo de Deus, ias deixar o mundo...

Dezoito anos!... um mimo, um sonho, uma ilusão,
Um rosário de luz cingindo um coração
Que estremece do amor na cérula harmonia...
Dezoito anos!... a vida em borbotões de esperança...
Um sorriso! uma flor!... Pobre, infeliz criança!
E pôde arrebatá-te a rude ventania?
Pôde o fogo queimar-te as asas palpitantes,
E fazer-te cair das regiões distantes
No charco onde apodrece a carne inanimada!
E quis a mão de Deus, do Inferno ou do Destino,
Lançar-te numa cova, a ti, lírio divino,
Cujo colo se abria à luz da madrugada?!

*A velha treme de terror ouvindo o filho a blasfemar.
Camões continua, num desespero crescente:*

Foi Deus quem te arrancou das tranças virginais
A grinalda de noiva e o véu dos esponsais,
Tornando em noite escura a tua branca aurora...
Como hei-de eu crer em ti, ó Deus endurecido,
Que soltas um sorriso em troca dum gemido,
E enterras o punhal num peito que te adora!

Como hei-de eu crer em ti, ó Cristo legendário!
Se acaso ergueste a voz no cimo do Calvário
Implorando o perdão, a lei que regenera,
Como é que não te ouviu teu pai, o Sempiterno,
E fez da terra toda um monstruoso inferno,
Em que o amor é um sonho e a vida uma quimera?

Mas não! ou tu és bom ou não existes... Eu,
Se te interrogo, erguendo as minhas mãos ao céu,
Não me respondes, tu, que és pai dos desgraçados!
Como hei-de eu crer em ti, ó Deus secreto e mudo,
Que do nada criaste e organizaste tudo,
Se à minha imensa dor teus lábios são fechados!

Se és pai, eu sou teu filho, e quando um filho sofre,
O peito de seu pai é um precioso cofre
Que se abre a recolher-lhe os prantos e os gemidos;

Tu devias portanto erguer-me nos teus braços,
E estreitar, pelo amor, os apertados laços
Que aos pais uniram sempre os filhos oprimidos.

Se te vejo a orar nas solidões do Horto,
Se te vejo na cruz, enregelado e morto,
Ou subindo no azul translúcido e sereno,
Ou conchegando a ti as loiras criancinhas,
Como um bando a trilar de castas andorinhas,
Eu amo-te, Senhor, Jesus, não te condeno;

Mas, quando a tempestade horrível se acumula,
Quando a morte brutal nas garras estrangula
Uma doce criança alegre e palpitante,
E oíço o mundo a gritar: «Bendito seja Deus!»,
Sinto rugir no peito o coro dos ateus:
«Maldita sejas tu, quimera repugnante!

Maldito sejas tu, que há mais de seis anos
Despedaças a rir os corações humanos,
Que te dão ao morrer um beijo ensanguentado...
Maldito sejas tu, ó Deus inconsciente,
Trindade monstruosa, espírito inclemente!
Filho de Jeová, Jesus crucificado!

Maldito sejas tu! maldito sejas!»

O poeta, vendo a mãe trémula diante do altar e o Cristo resignado na cruz, sente a violenta reacção da crença católica e prostra-se de joelhos numa explosão de lágrimas.

Não!

Bendito sejas tu! Perdão, Senhor, perdão...
Perdoa esta blasfémia ao desespero, à dor;
Entre os brilhos ideais da tua glória imensa
Tu tens, para quem sofre, inda um bálsamo — a crença;
Senhor, eu creio em ti, perdoa-me, Senhor!...

Muita vez te senti na cerração dos mares,
E um sorriso dos teus, um só dos teus olhares,
Dava-me luz à alma e força ao coração...
Se me vias dormir, prostrado de canseira,
Tu vinhas-te assentar à minha cabeceira;
Eu creio, eu creio em ti: perdão, Senhor, perdão!

Hei-de-me consumir nesta saudade enorme;
Direi ao fundo amor que me subjuga: «dorme!»
E ele há-de no meu peito adormecer talvez...
E tu, noiva gentil, e tu, pomba de neve,
Aguarda-me no céu, que eu partirei em breve...
Deus há-de-me chamar... espero a minha vez!

E o poeta sentiu, olhando o Cristo morto,
Cair no fundo d'alma o bálsamo, o conforto;
Extinguia-se ao largo o coro dos ateus...
O pobre escravo então, inda na sombra, olhava
O filho que gemia e a mãe que murmurava:
— «Bendito seja Deus! Bendito seja Deus!»

SAUDADES

Um destino cruel vergava lentamente
O desgraçado poeta; aquele olhar ardente
Ia perdendo a luz. Tinha as faces cavadas
De tanto meditar, por noites desveladas,
Num mundo de ilusões, chamando à luz e à vida
O cadáver que tem, da amante estremeçada,
Sempre no coração... Dias de desalento
Numa sombria dor, sem ter um só momento
De conforto, e depois a miséria, a tortura
De contemplar a mãe que se aflige e procura
Diminuir-lhe o mal pedindo esmola, tudo
O faz andar assim desalentado e mudo,
À espera de que Deus, que é bom e generoso,
Lhe diga: «é tempo já, concedo-te o repouso,
Podes enfim dormir o derradeiro sono».

Ao sol posto, Camões, pelas tardes de Outono,
Quando a brisa desfolha as árvores e as flores
E se abrem pelo espaço as asas dos condores
Cortando o azul nublado, imperturbavelmente,

Quando se ouve o gemer da natureza doente,
E anda na atmosfera um desconforto oculto
Que aviva dentro da alma o misterioso culto
Das tristes afeições crestadas pelo pranto;
Nessas tardes, Camões sente um suave encanto
Em escutar no templo as místicas verdades...
Chora-lhe o coração repleto de saudades,
E julga estar ali mais próximo de Deus,
Numa paz que parece a paz dos mausoléus...
Ali ouve falar numa outra vida, aonde
Aos olhos deste mundo o firmamento esconde
As almas que têm fome e sede de justiça,
Fazendo-as assistir àquela eterna missa
Em que se escuta a voz dos querubins envoltos
Nos doirados anéis dos seus cabelos soltos...

Por isso ele se arrasta à igreja dos jesuítas,
Paralítico, e vai, nessas horas benditas,
Buscar o sumo bem, a mansa beatitude
Que o seu destino abrande, amargurado e rude...
Sua mãe vai também, muito velha e curvada,
E atrás dos dois, o Jau, com a fronte inclinada,
Pensando, ao contemplar o grupo solitário,
Naquele que pisou a estrada do Calvário:
O Cristo, sua mãe, e atrás o Cireneu
Que ao subir a ladeira ia subindo ao céu...

Os padres de Jesus, entre as grades, no coro,
Rezam a ladainha, esse piedoso choro

De que a Igreja repassa as almas consternadas.
Das naves cai a sombra; as imagens sagradas,
Imóveis no esplendor dos nichos singulares,
Têm aspectos cruéis, no fundo dos altares;
Oscila a branda luz das lâmpadas pendentes;
De rastos pelo chão, os tristes penitentes
Espalham-se no templo..

O poeta, silencioso,
Num secreto bem-estar, num íntimo repouso,
Pensa às vezes na pátria: a pátria moribunda
Morreria talvez — que mágoa tão profunda! —
Às mãos dum rei qualquer, feroz como um chacal...
E um príncipe de sangue, um padre, um cardeal,
Neto desses avós ilustres e valentes
Que tinham comandado as hostes imponentes
Dos guerreiros da cruz, era quem dentro em pouco,
Na impotência senil dum cobarde ou dum louco,
Ia a pátria lançar no escuro cativoiro,
Entre as garras febris do déspota estrangeiro!

Pobre D. Sebastião! malfadada criança!
A que mãos foi parar a tua rica herança!
Eras um bravo, tu, rei destemido e forte...
Não soubeste viver, mas afrontaste a morte,
Firme como um herói; se o sangue português
Salpicou a ferver as ameias de Fez,
E em ondas inundou as plagas africanas,

*Alma minha gentil que te partiste
Tão cedo desta vida descontente,
Repousa lá no céu eternamente
E viva eu cá na terra sempre triste;*

*Se lá no assento etéreo, onde subiste,
Memória desta vida se consente,
Não te esqueças daquele amor ardente,
Que já nos olhos meus tão puro viste.*

*E se vires que pode merecer-te
Alguma coisa a dor que me ficou
Da mágoa sem remédio de perder-te,*

*Roga a Deus, que teus anos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te
Quão cedo dos meus olhos te levou.*

1870
The first of the year
was very dry and
the crops were
very poor.

The second of the year
was very wet and
the crops were
very good.

The third of the year
was very dry and
the crops were
very poor.

The fourth of the year
was very wet and
the crops were
very good.

INDICE

	Págs.
DISCURSO DO DOUTOR JÚLIO DANTAS	IX
PRIMEIRA POESIA	3

CREPUSCULARES

<i>Abertura</i>	7
<i>As Mártires Cristãs</i>	9
<i>As Árvores</i>	11
<i>A Leonor da «Morgadinhas»</i>	14
<i>De Noite</i>	16
<i>Cair das Nuvens</i>	19
<i>No Calvário</i>	21
<i>Duas Épocas</i>	23
<i>Serenata</i>	26
<i>A Flor Morena</i>	29
<i>Resignada</i>	33
<i>Quadro Sombrio</i>	35
<i>A Princesa de Retazzi</i>	37
<i>A Doida de Val-Formoso</i>	38
<i>Incompatibilidades</i>	39
<i>Diante dum Retrato</i>	42
<i>Platonismo</i>	43

	Págs.
<i>A uma Rainha</i>	47
<i>O Padre Bergeret</i>	48
<i>A Tentação</i>	51
<i>A Celestina de Paladini</i>	52
<i>Perdoa!</i>	54
<i>Vita Nuova</i>	58
<i>A uma Criança Morta</i>	60
<i>«Libertas Fulgens»</i>	64
<i>Uma Hora Triste</i>	66
<i>À Beira da Sepultura</i>	67
<i>Ao Partir</i>	69
<i>Sempre</i>	71
<i>Caprichosa</i>	73
<i>Desdémio</i>	78
<i>Fantástica</i>	81
<i>Mágoas Intimas</i>	84
<i>Ao Regressar</i>	85
<i>Metamorfose</i>	86
<i>Nas Varetas dum Leque</i>	87
<i>Num Sermão de Caridade</i>	89
<i>Versos de Despedida</i>	92
<i>A Flor da Morte</i>	93
<i>Soneto</i>	97
<i>Foge</i>	98
<i>Destinos</i>	99
<i>Consequências Tristes</i>	103
<i>Fragmento dum Quadro</i>	105
<i>A...</i>	107
<i>Alucinações do Sono</i>	110
<i>Fatalidade</i>	113
<i>Arrependida</i>	115
<i>Dois Pólos</i>	117
<i>No Circo</i>	120
<i>«Sursum Corda»</i>	122
<i>Margarida</i>	125

CATARINA DE ATAÍDE

PRIMEIRO CANTO

	Págs.
<i>No Templo</i>	141
<i>Entre as Rosas</i>	145
<i>Presentimentos</i>	148

SEGUNDO CANTO

<i>Na Corte</i>	159
<i>Adeus</i>	167
<i>Nunca Mais</i>	174

TERCEIRO CANTO

<i>Morta</i>	183
<i>Sobre as Águas</i>	189
<i>Crença em Deus</i>	195
<i>Saudades</i>	204



COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFI-
NAS DA EDITORIAL IMPÉRIO, LDA.,
RUA DO SALITRE, 151 A 155 - LISBOA

